



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ANA PAULA ABELHA

**A Urgência do Diálogo como Caminho para a Paz:
Um contributo de EMRC para o compromisso da
(re)construção da Paz, a partir da UL 4 - *A Paz Universal*,
do 7.º ano de escolaridade.**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professor Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio
Professor Doutor Samuel Fernando Rodrigues Dimas

Lisboa
2022

«Há um laço muito estreito entre bondade e amor:
amor nasce da bondade ou então gera a bondade.

Amar significa “querer bem”.»¹

À minha família!

Que o amor, o diálogo e o perdão sejam os pilares
que nos permitam ser capazes de juntos manter a
nossa união com o olhar posto em Deus.

¹ Battista Mondin, *Quem é Deus – Elementos de teologia filosófica* (São Paulo: Paulus, 2005), 314-315.

Agradecimentos

Expresso a minha gratidão aos maiores pilares da minha vida, pois, sem eles, não teria concluído este itinerário. Revelou-se bastante árduo, tortuoso e, muitas vezes, angustiante, mas sempre baseado na esperança, na alegria e na superação de vários desafios.

A Deus, companheiro nas alegrias e conquistas e refúgio nos momentos mais difíceis. Realmente, a força que me sustenta vem do Alto.

Às minhas filhas, Benedita e Myriam, pequenas grandes guerreiras que nos seus primeiros anos de vida, em que mais precisavam da mãe, viram-se algumas vezes privadas de muitos beijos, abraços, muitas brincadeiras e afins. Pedidos não concretizados, gargalhadas que não se expressaram e lágrimas derramadas, compensados com exíguos momentos que sabiam sempre a tão pouco.

Ao meu marido Moses, que sempre manteve a calma e a compreensão necessárias e uma atitude motivadora neste percurso que se manifestou bastante exigente.

À minha família, que sempre disponibilizou todo o tempo possível, apoio, motivação, paciência e preocupação constantes. Eternamente grata pelo amor, apoio e tempo dedicados, especialmente, às minhas filhas.

Aos docentes Juan Ambrosio, Bento Aguiar e Samuel Dimas, por toda a atenção, dedicação e disponibilidade, bem como todo o apoio do SNEC, durante este percurso, na pessoa do Professor Fernando Moita.

Às minhas colegas da PES e amigas, Catarina Batista, par pedagógico, pela partilha, compreensão e cooperação no trabalho desenvolvido por nós; Ana Brum, pelo apoio e partilha neste percurso e Sílvia Botelho, pela presença durante a PES. Aos restantes colegas que, em algum momento, dedicaram algum tempo para me amparar quando mais necessitei.

Ao Conselho Executivo da Escola Secundária Antero de Quental e a toda a comunidade escolar que nos acolheu no âmbito da PES, bem como às auxiliares da sala 02 que sempre se disponibilizaram para o normal funcionamento das aulas. Aos alunos das turmas A, B e G do sétimo ano com quem tive oportunidade de estabelecer empatia, trabalhar e vivenciar momentos que, quero crer, enriqueceram a todos ao longo de todo este percurso.

Ao Conselho Executivo da Escola Básica Integrada da Ribeira Grande, amigos, colegas e auxiliares, pela empatia, apoio, compreensão e cooperação.

A todos os que, de certa forma, acompanharam este meu percurso, uns mais presentes outros mais distantes, mas que se mostraram preocupados mediante palavras motivadoras e orações.

Profundamente grata a todos vós.

ÍNDICE

Agradecimentos	3
Índice de Ilustrações	6
Resumo	7
Abstract.....	8
Siglas e Abreviaturas	9
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	12
1. Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada	12
1.1. Caracterização da Escola Secundária Antero de Quental	12
1.2. Caracterização da Turma (A, B e G) do 7.º ano	16
2. Reflexão da Prática de Ensino Supervisionada	21
2.1. O papel de EMRC na Escola	21
2.2. A Unidade Letiva 4 – <i>A Paz Universal</i>	24
2.3. Gestão e lecionação da Unidade Letiva 4	25
2.4. Reflexão global da prática letiva	55
CAPÍTULO 2 – A URGÊNCIA DO DIÁLOGO NO CAMINHO PARA A PAZ.....	58
1. A <i>relação</i> como expressão ontológica do amor de Deus	58
1.1. Noção de <i>relação</i> na tradição judaico-cristã.....	58
1.2. Encontro interpessoal – Eu e o Outro	62
2. Uma vida de relação	65
2.1. O conceito de pessoa.....	65
2.2. Estruturas de relações de ação humana.....	67
2.3. O compromisso e o diálogo	69
3. A abordagem da Paz Universal em Educação Moral e Religiosa Católica	73
3.1. O significado da Paz e as suas dimensões	73
3.2. A pertinência do tema da Paz no âmbito da finalidade de EMRC.....	74
3.3. O contributo de EMRC para a (re)construção da Paz.....	75

CAPÍTULO 3 – PROPOSTA DE ITINERÁRIO PEDAGÓGICO	78
1. Enquadramento da proposta de atividade pedagógica	78
2. Descrição e justificação da atividade.....	79
3. Planificações e interdisciplinaridade	80
3.1. Proposta de Planificação de Aula (1).....	83
3.2. Proposta de Planificação de Aula (2).....	84
3.3. Sugestão de recursos didáticos	85
CONCLUSÃO.....	87
BIBLIOGRAFIA	89
1. Fontes e Documentos.....	89
2. Estudos e Ensaaios	90

Índice de Ilustrações

Figura 1 - Escola Secundária Antero de Quental	12
Gráfico 1 - Idade dos alunos do 7.º ano A, B e G.....	17
Gráfico 2 - Agregado Familiar	17
Gráfico 3 - Encarregados de Educação.....	17
Gráfico 4 - Religião dos Alunos	18
Gráfico 5 - Frequência na disciplina de EMRC.....	18
Gráfico 6 – Motivo de inscrição dos alunos em EMRC.....	18
Gráfico 7 - Frequência à catequese.....	19
Gráfico 8 - Envolvimento em atividades na comunidade.....	19
Imagem 1 - T-shirt com peça de <i>puzzle</i> desenhada e com mensagens	86
Imagem 2 - Placas de ardósia com mensagens alusivas ao tema	86

Resumo

A realização deste Relatório da Prática de Ensino Supervisionada sugere uma reflexão em torno da atitude dialógica a propósito de uma realidade que se manifesta, infelizmente, muito conflituosa. Persiste a ânsia de se conseguir alcançar a paz em todas as dimensões da vida, considerado um dos grandes sonhos da humanidade, porém, assiste-se a tantas conflitualidades e atrocidades, tanto egoísmo e discriminação, tanta sede de atingir os seus próprios interesses com atitudes que demonstram desconsideração pelos demais.

Numa tentativa de conciliar a Unidade Letiva 4, *A Paz Universal*, do programa do sétimo ano do ensino básico com a nossa atualidade, interessou-me destacar a urgência do diálogo nas relações, sendo este um assunto na ordem de muitas discussões pessoais, sociais, culturais e inter-religiosas.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica torna-se um espaço de reflexão que sugere uma consciencialização de que todos detêm o poder de fazer diferente e são desafiados a comprometerem-se na fé e com os Outros para contribuírem para um diálogo sincero e disposto a resolver o que está menos bem. As verdadeiras relações implicam a presença dos outros para acolher todos. Para tal, é necessário ir ao encontro do outro. Apela, também, o Papa Francisco para a necessidade de «Construir pontes, em vez de erguer muros».² Neste sentido, é primordial aplicar nas relações a tão conhecida regra de ouro, a qual é destacada na Bíblia Sagrada: «O que quiserdes que os outros vos façam, fazei-lho o vós também!» (Lc 6, 31), pois a paz contribui, sem dúvida, para uma vida plena, bem como para a realização plena de cada pessoa.

Palavras-chave: Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), Diálogo, Relação, Pessoa, Amor e Paz.

² Papa Francisco, *Proteger a Criação – Reflexões sobre o Estado do Mundo*, (Amadora: Nascente, 2016), 122.

Abstract

The realization of this Supervised Teaching Practice Report provided a reflection on the dialogic attitude regarding a reality that, unfortunately, manifests itself as very conflicting. The desire to achieve peace in all dimensions of life persists, considered one of the greatest's dreams of humanity, however, there are so many conflicts and atrocities, so much selfishness and discrimination, so much thirst to achieve their own interests with attitudes who show disregard for others.

To reconcile the Teaching Unit 4, *A Paz Universal*, of the seventh-year program of basic education with our current situation, I was interested in highlighting the urgency of dialogue in relationships, which is a subject in the order of many personal, social, cultural and interreligious discussions.

The Discipline of Catholic Moral and Religious Education becomes a space for reflection that suggests an awareness that everyone has the power to do different, they are challenged to commit themselves in faith and with others, to contribute to a sincere and willing dialogue to resolve what is not well. True relationships imply the presence of others to welcome everyone. For this, it is necessary to meet the Other. Pope Francis also appeals to the need to «Build bridges instead of building walls».³ In this sense, it is essential to apply the well-known golden rule in relationships, which is highlighted in the Holy Bible: «Whatever you want others to do to you, do to them too!» (Luke 6, 31), therefore, peace undoubtedly contributes to a full life, as well as to the full fulfillment of each person.

Key words: Catholic Moral and Religious Education (EMRC), Dialogue, Relationship, Person, Love and Peace.

³ Papa Francisco, *Proteger a Criação – Reflexões sobre o Estado do Mundo*, (Amadora: Nascente, 2016), 122.

Siglas e Abreviaturas

CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
Cf	Confere
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
ESAQ	Escola Secundária Antero de Quental
MCR	Mestrado em Ciências Religiosas
Mt	Evangelho de São Mateus
Lc	Evangelho de São Lucas
PES	Prática de Ensino Supervisionada
SNEC	Secretariado Nacional da Educação Cristã
ONU	Organização das Nações Unidas
UCP	Universidade Católica Portuguesa
UL	Unidade Letiva
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

A concretização do presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada (PES) na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) visa a obtenção da conclusão do Mestrado em Ciências Religiosas, trilhado pelo esforço, trabalho e reflexão em torno do percurso que percorri ao longo desta formação. Esta trajetória permitiu adquirir aprendizagens significativas que favoreceram uma reflexão e um aperfeiçoamento da minha discência e do meu desempenho, quer pessoal, quer profissional.

A EMRC é uma experiência educativa, mas também pode ser uma experiência de fé, dado que se trata de uma área curricular que explora a dimensão religiosa a partir da chave hermenêutica do Cristianismo. É uma chave de interpretação da realidade e um caminho que aponta para uma perceção além do que é visível e todo o trabalho desenvolvido impeliu para uma abordagem em torno da necessidade e da importância de ir ao encontro do outro e estabelecer um diálogo autêntico, com base no amor, na empatia e na disponibilidade. Paralelamente, trata-se de tópicos que levantam questões que apontam para uma dificuldade de superação de conflitos na atualidade e que impedem a comunicação autêntica para a promoção e a construção da paz. Assim sendo, o diálogo e o encontro serão caminhos capazes de fazer reforçar o tão almejado alcance da paz?

A necessidade emergente de explorar o tema da paz passa pela importância da ação que cada pessoa poderá adotar, pois cada um faz a diferença ao consciencializar-se das suas atitudes, promovendo comportamentos mais positivos que impliquem responsabilidade na sua participação depreendendo uma ação transformadora em consonância com a realidade envolvente. Daí a importância da consciência como reflexo do papel que cada um assume na construção da verdadeira experiência de paz, através de palavras e modos de estar no mundo. Até porque a vivência da paz é uma troca de experiência com aqueles com quem nos cruzamos constantemente, pois é numa relação de amor ao próximo que nasce um mundo melhor.

É nesta linha reflexiva que o relatório se encontra estruturado em três capítulos.

O primeiro capítulo centra-se no trabalho concretizado ao longo da PES, no qual está descrita a caracterização da Escola Secundária Antero de Quental, que nos acolheu e proporcionou a oportunidade de aplicar, efetivamente, os nossos conhecimentos, na prática letiva, ao longo do ano letivo 2021/2022. Encontra-se patente, também, a caracterização da turma (composta pelas turmas A, B e G) do sétimo ano do ensino básico que, desde logo, se mostrou comunicativa, tranquila e colaboradora em todas as propostas de trabalho apresentadas em sala de aula. Trata-se de uma exposição de uma fase de aprendizagens significativas, possibilitando um aperfeiçoamento no meu papel enquanto docente de EMRC.

No segundo capítulo, a exploração teórica apresentada debruça-se sobre *A urgência do diálogo no caminho para a paz*. A temática trilha uma abordagem filosófico-teológica, em que se aspira apresentar a *relação* como expressão ontológica do amor de Deus, partindo de uma noção de *relação* fundamentada na tradição judaico-cristã e a importância da perspectiva dialógica que alicerça o encontro interpessoal como princípio essencial para a alteridade.

Sendo este um percurso dinâmico, trata-se, pois, de uma vida em relação. Deste modo, evidenciou-se a necessidade de abordar o conceito de pessoa, estendendo para a percepção de que a presença das outras pessoas é que estrutura e alicerça a realização da nossa vida. Posto isto, relacionarmo-nos uns com os outros implica conhecer a essência do verdadeiro diálogo e a necessidade que nos impulsiona a comprometermo-nos connosco mesmo, com os outros e com Deus. Portanto, estas premissas conduzem-nos a várias questões que emergem perante as várias situações que acontecem ao nosso redor. Certamente, não é fácil arranjar soluções para todas as problemáticas emergentes, devido a todas as implicações que daí advém, não deixando de ser um apelo para irmos ao encontro do outro, permitindo-nos a nós próprios chegar a todos, física e espiritualmente. Nesta linha, a disciplina de EMRC é uma aliada para esta temática, pois destaca-se pela sua pertinência na abordagem da consciencialização e construção da pacificação entre todos, enfatizando a reflexão e o entendimento da realidade em que se vive. É um valioso contributo para uma verdadeira educação para a paz, bem como surge como espaço oportuno para a valorização dos afetos e dos valores essenciais para uma efetiva interação humana.

O terceiro capítulo incide na apresentação de uma *Proposta de itinerário pedagógico*. Trata-se de uma proposta de atividades consideradas pertinentes, enquadrada na lecionação da Unidade Letiva 4, *A Paz Universal*, e não só, podendo ser aplicada, igualmente ou adaptada, noutra UL, dado o seu cariz relevante. Reforçar a transmissão da mensagem essencial que o Dia Escolar da Não Violência e da Paz no dia a dia escolar é uma forma de apelar à boa e sã convivência entre todos na Escola, na criação de laços de amizade e empatia uns com os outros. Efetivamente, em fase de ensino-aprendizagem, é fulcral a Escola proporcionar um ambiente favorável ao bem-estar dos alunos. É uma proposta que, pela sua pertinência e transversalidade, poderá, igualmente, ser enquadrada noutros anos de escolaridade.

CAPÍTULO 1 – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

1. Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada



No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), a leção da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica decorreu na Escola Secundária Antero de Quental, com uma turma do sétimo ano de escolaridade, sendo a mesma constituída por alunos inscritos nas turmas A, B e G.

Figura 1 - Escola Secundária Antero de Quental

1.1. Caracterização da Escola Secundária Antero de Quental

a) Abordagem histórica

Um marco importante da história desta Escola remete-nos para a existência do Paço dos Condes de Vila Franca que, segundo a história:

Em 1829, Jacinto Inácio Rodrigues da Silveira, posteriormente, Barão de Fonte Bela, adquire o Paço que, em 1830, manda demolir, para que aqui fosse construído o seu palácio, o palácio Fonte Bela, no qual “o neoclassicismo tem presença nos dois pórticos ladeados de colunas coríntias ao modo de arco triunfal”.

Em 1851, por decreto de 20 de Setembro, o Comissário dos Estudos, Padre João José d’Amaral foi encarregado da organização do “Liceu de Ponta Delgada”. Em 21 de Fevereiro de 1852 ficou constituído o “Liceu de Ponta Delgada”, instalando-se, então, no antigo Convento da Graça (em parte do qual se encontra o Auditório de Ponta Delgada). Em 26 do mesmo mês, realizou-se a primeira sessão do Conselho Escolar, com o Corpo Docente constituído por seis professores, durante a qual o Padre João José d’Amaral foi eleito Reitor.

Em 1901, o Liceu é elevado a “Central” e, em 1921, é transferido para o Palácio da Fonte Bela, onde hoje se encontra.

Mais tarde, passou a denominar-se “Liceu Antero de Quental”, em homenagem ao grande mentor da geração de 70, para anos depois, por razões que uma razão esclarecida não pode aceitar, passar a denominar-se “Liceu Nacional de Ponta Delgada”.

Em 1979, o mais que centenário “Liceu de Ponta Delgada”, retoma o nome do Poeta-Filósofo, ao qual a Escola tanto se honra de ter como Patrono, passando a designar-se “Escola Secundária Antero de Quental”.⁴

b) Contextualização Sociogeográfica

A Escola está situada no Largo Mártires da Pátria, numa área de estrutura urbana consolidada da freguesia de São Sebastião, no concelho de Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, da Região Autónoma dos Açores.

Encontra-se integrada no centro histórico da cidade, onde predominam atividades económicas do setor terciário, pelo que apresenta uma boa localização geográfica, tendo em conta a proximidade a diversos serviços que existem no meio envolvente da referida instituição educativa. É uma Escola que se insere num meio citadino, na principal cidade da Ilha de São Miguel, Ponta Delgada. Muitos dos alunos que frequentam a Escola não pertencem à sua área de residência, por opção dos Encarregados de Educação. Apesar do registo de algumas ocorrências, pode dizer-se que a Escola não apresenta um elevado grau de problemáticas relacionadas com situações de violência, tanto em ambiente de sala de aula como nos diferentes pátios (recreio). Os alunos citadinos, na sua maioria, parecem demonstrar uma boa aceitação dos alunos de meios rurais que são uma minoria na Escola.

Assim, verifica-se que esta instituição acolhe uma população estudantil heterogénea a nível etário e socioeconómico, onde se cruzam vivências rurais e urbanas, constituindo um permanente desafio e exige uma diversidade de estratégias que permitam dar respostas adequadas às necessidades e aspirações da comunidade educativa.

A Escola é um local de permanência e de vivência contínuas, pelo que deve promover ações que melhorem a qualidade dos espaços, preservem o seu património construído e cultural e propiciem a partilha e a interação com o meio envolvente. Neste sentido, a comunidade educativa tem revelado abertura à inovação através da receptividade a iniciativas, designadamente a nível da oferta educativa e formativa, e a participações de âmbito local, nacional e europeu, que têm contribuído para o enriquecimento didático, pedagógico, linguístico, científico, artístico, desportivo, profissional e pessoal quer por parte dos alunos, quer do pessoal docente.

⁴ Escola Secundária Antero de Quental, «Um pouco de história.», acessido a 10 de novembro de 2021, <http://www.esaq.pt/blog/2013/11/19/teste4/>. As próximas referências serão citadas como ESAQ.

c) Características

No que concerne às infraestruturas existentes na Escola, verifica-se que:

A Escola oferece 30 salas de aula no edifício antigo e 41 na secção. Para além das respetivas salas, existem 2 salas de convívio para alunos, 1 sala de estudo, 2 salas de professores, 2 salas de trabalho docente no edifício antigo - 1 no Torreão e 1 no piso 0 -, um gabinete para cada grupo disciplinar e 3 ginásios desportivos cobertos. Existe também 1 sala de exposições e apresentações e 1 sala de teatro.

O campo de jogos da Escola é composto por um campo de futebol (7 X 7) e um campo dimensionado para a modalidade de Ténis (vedado em rede), um polidesportivo essencialmente orientado para o Andebol e um segundo polidesportivo disponibilizado para os tempos de lazer dos alunos.⁵

O corpo docente da Escola é composto por duzentos e doze docentes e o pessoal não docente é constituído por quatro Técnicos Superiores, duas Psicólogas, doze Assistentes Técnicos, cinquenta e um Assistentes Operacionais e vinte e oito Recursos Humanos, ao abrigo de Programas Ocupacionais.

O pessoal docente caracteriza-se pela estabilidade, empenho e experiência profissional, reforçando o seu posicionamento relativo aos bons resultados obtidos nos Exames Nacionais, a nível regional. Para além de tais factos, a assiduidade dos professores e a responsabilidade com que encaram a função docente são traços que marcam, positivamente, esta unidade orgânica. Assim sendo:

[...] a postura assumida pelos docentes e não docentes tem-se revelado uma mais-valia, que tem contribuído para minimizar problemas de indisciplina e de assiduidade e para a melhoria do aproveitamento escolar dos alunos. Além do pessoal docente e não docente, há ainda a referir a Associação de Estudantes e a Associação de Pais e Encarregados de Educação cujos representantes têm tido participação regular e consequente no Conselho Pedagógico e na Assembleia de Escola.⁶

A Escola possui, ainda, a página de *Facebook* — *Associação de Pais e Encarregados de Educação*, através da qual transmite as informações aos Encarregados de Educação com maior rapidez e prontidão. A Escola possui uma página sempre atualizada sobre os acontecimentos e informações necessárias para professores, funcionários, pais e alunos, tendo como lema «Porque a educação é para todos e deve ter a participação de todos».

⁵ ESAQ, «Características», acessido a 10 de novembro de 2021, <http://www.esaq.pt/blog/2014/01/25/caracteristicas-2/>.

⁶ ESAQ, «Projeto Educativo de Escola», acessido a 10 de novembro de 2021, http://www.esaq.pt/doc/PEE%202015_2018%20aprovado%20em%20Assembleia%20a%2012%20jelho.pdf.

Os alunos matriculados nesta instituição educativa, no presente ano, perfazem o total de 1505. Os alunos encontram-se distribuídos por dez turmas do 7.º ano, dez turmas do 8.º ano e nove turmas do 9.º ano do ensino básico. No ensino secundário, existem catorze turmas do 10.º ano, onze turmas do 11.º ano e dez turmas do 12.º ano. Existem, ainda, onze turmas do Ensino Profissional, cinco turmas do Programa Formativo de Inserção de Jovens (PROFIJ) e quatro turmas de Regime Educativo Especial (REE). Os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) que apresentam diferentes problemáticas são acompanhados, regularmente, pelos Serviços de Psicologia e Orientação e pelo Núcleo de Educação Especial.

É de salientar que dos 1505 alunos matriculados na ESAQ, 321 estão inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, mais especificamente 62 alunos no 7.º ano, 125 alunos no 8.º ano, 115 alunos no 9.º ano e 19 alunos no secundário.

Apuramos, ainda, que «Também frequentam esta unidade orgânica alunos do Ensino Básico e do Ensino Secundário, em Regime de Ensino Articulado, bem como Atletas de Alta Competição e alunos com o estatuto de Jovem Talento Regional.»⁷

d) Estrutura

A Escola encontra-se estruturada mediante os Órgãos de Administração e Gestão: Assembleia de Escola, Conselho Executivo, Conselho Pedagógico, Conselho Administrativo e Estruturas de Orientação Educativa; as Estruturas de Orientação Educativa: Departamentos Curriculares, Grupos Disciplinares, Conselhos de Turma, Conselhos de Diretores de Turma do Ensino Básico e do Ensino Secundário; os Serviços Especializados de Apoio Educativo: Serviços de Psicologia e Orientação, Núcleo de Educação Especial e Equipa Multidisciplinar de Apoio Socioeducativo; e os Serviços Administrativos: Contabilidade, Setor de Pessoal, Setor de Alunos, Ação Social Escolar e Fundo Escolar.

e) Oferta Formativa

A Escola Secundária Antero de Quental abrange os Ensinos Básico e Secundário. Relativamente ao Terceiro Ciclo, este «organiza-se segundo um plano curricular unificado, integrando áreas vocacionais diversificadas, e desenvolve-se em regime de um professor por disciplina ou grupo de disciplinas.»⁸

⁷ ESAQ, «Projeto Educativo de Escola».

⁸ ESAQ, «Oferta Formativa 2022/2023», acessado a 10 de novembro de 2021, <http://www.esaq.pt/blog/2018/07/02/oferta-formativa-2021-2022/>.

No que concerne ao Ensino Secundário, o mesmo é integrado pelos Cursos Científico-Humanísticos que «conferem, após a sua conclusão, o diploma do nível secundário de educação – 12.º ano – e o certificado de qualificação profissional de nível III»,⁹ tratando-se assim de cursos vocacionados para o prosseguimento de estudos de nível superior, bem como para o mercado de trabalho.

1.2. Caracterização da Turma (A, B e G) do 7.º ano

Aquando da Prática de Ensino Supervisionada, foi fundamental ter sido proporcionado, previamente, um encontro com o docente cooperante para obtermos alguns conhecimentos sobre a turma com quem iríamos trabalhar. Assim sendo, ficamos a conhecer que a turma envolvida na PES era constituída por vinte e cinco alunos provenientes de três turmas diferentes do sétimo ano de escolaridade da Escola Secundária Antero de Quental, nomeadamente, A, B e G, inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, no presente ano letivo de 2021/2022.

Perante este facto, inicialmente, a preocupação prendia-se com a quantidade e, sobretudo, com a diversidade de alunos, encarando-se como um grande desafio a conjugação das várias turmas. Segundo Arends, efetivamente, «um dos mais importantes desafios que enfrentará enquanto professor, é o de compreender a diversidade no grupo de alunos e perceber como estes aprendem».¹⁰ Com esta perspetiva, as planificações de aula foram sendo organizadas de modo a incorporar várias estratégias com o objetivo de transmitir a mensagem essencial e, também, de “chegar” aos alunos a partir das suas realidades. O decorrer das aulas ofereceu a possibilidade de observar e identificar as capacidades dos alunos.¹¹

De facto, no arranque da prática letiva, a turma perfazia o total de vinte e cinco alunos. A turma A contava com três raparigas e cinco rapazes; a turma B com seis raparigas e dois rapazes e a turma G com duas raparigas e sete rapazes. No final do primeiro período, uma aluna da turma A mudou de turma, ficando a turma geral, posteriormente, com vinte e quatro alunos.

Como intuito de apurar os dados necessários da turma para se proceder à caracterização da mesma, ao longo do primeiro período, foi dada a possibilidade de consultar as fichas individuais dos alunos que se encontravam nos arquivos dos Diretores de Turma. Contudo, para completar as respetivas informações, o meu par pedagógico, a professora estagiária Catarina Batista, e eu, tentámos aplicar um questionário *on-line* aos alunos da turma, recorrendo à ferramenta *GoggleForms*. O questionário visava a recolha de dados pessoais e escolares dos

⁹ ESAQ «Oferta Formativa 2022/2023».

¹⁰ Richard Arends, *Aprender a ensinar*, 7.ª edição (Madrid: McGraw Hill, 2008), 41.

¹¹ Cf. Arends, *Aprender a ensinar*, 67-68.

alunos, bem como acerca da sua experiência religiosa e frequência na disciplina de EMRC. No entanto, o número de respostas obtidas ficaram muito aquém do expectável, dado que apenas três alunos conseguiram responder ao questionário, apesar das várias insistências da nossa parte, alegavam não ter sido feito por esquecimento. Deste modo, os dados que foram obtidos revelaram-se insuficientes para proceder à análise de dados, impossibilitando a conclusão da respetiva caracterização da turma da PES.

Assim sendo, posteriormente, optámos por aplicar um questionário em formato papel,¹² em contexto de sala de aula, facilitando a recolha dos dados da turma. Após a recolha e a análise documental dos mesmos, foi-nos possível apurar com maior facilidade a situação geral da turma. Acrescente-se, ainda, que a lecionação e as observações realizadas nas aulas possibilitaram, sem dúvida, uma melhor caracterização da turma.

Neste sentido, conferimos que a idade dos alunos se situava entre os onze e os quinze anos, sendo a média de idades de doze anos, conforme gráfico abaixo. Apenas duas alunas se encontravam a repetir o ano letivo.



Gráfico 1 - Idade dos alunos do 7.º ano A, B e G

Constatámos que a zona de residência dos alunos, maioritariamente, centrava-se na cidade de Ponta Delgada, nomeadamente nas freguesias de São José, Santa Clara, São Roque, Livramento, Arrifes, Candelária, Santa Bárbara e Fenais da Luz. Registrando-se uma pequena percentagem de alunos residente na cidade da Ribeira Grande e apenas um aluno na cidade da Lagoa.

Relativamente à situação familiar indicada nos gráficos 2 e 3, verificou-se que a maioria dos alunos vivia com o pai, a mãe e os irmãos, sendo a mãe, na maioria, a Encarregada de Educação.

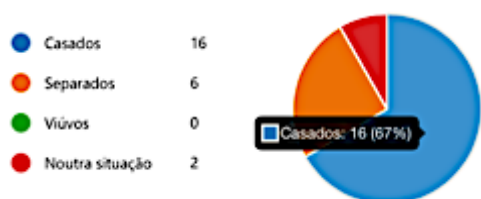


Gráfico 2 - Agregado Familiar

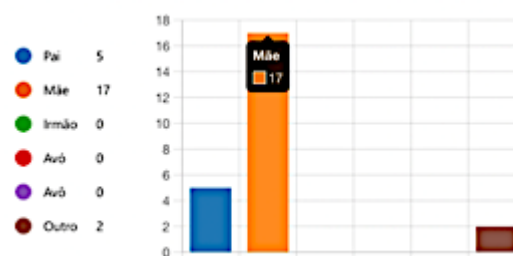


Gráfico 3 - Encarregados de Educação

¹² O respetivo questionário poderá ser consultado no Portefólio da PES, no Separador 2, páginas 10-11.

No que concerne às habilitações e à situação profissional dos Pais/Encarregados de Educação, foi possível verificar que a maioria dos pais detinha formação académica e que se encontrava a exercer uma profissão. Contudo, verificamos algumas exceções relativas a alguns pais que detinham, apenas, o ensino básico. Deste modo, concluímos que a turma se encontra num nível de classe média.

Numa abordagem à experiência religiosa da turma, conseguimos apurar que, na generalidade, os alunos assumiram ser católicos e que já se tinham inscrito na disciplina de EMRC em anos anteriores, conforme nos gráficos abaixo indicados.

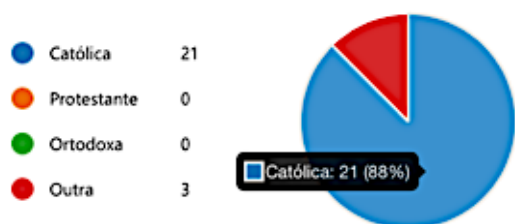


Gráfico 4 - Religião dos Alunos

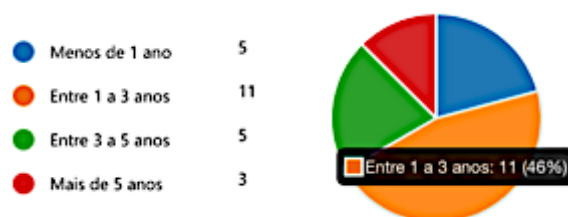


Gráfico 5 - Frequência na disciplina de EMRC

Embora fosse uma turma composta por alunos de três turmas diferentes, globalmente, os mesmos demonstraram interesse nos temas abordados, conforme ilustra o seguinte gráfico.



Gráfico 6 – Motivo de inscrição dos alunos em EMRC

Relativamente à participação dos alunos nas atividades religiosas nas suas paróquias, especificamente à frequência na catequese, constatámos que o envolvimento dos mesmos não se mostrou tão significativo como esperávamos. Assim é possível verificar no gráfico 5, dado que apenas sete alunos se encontravam inscritos na referida atividade. Em relação à inserção em outras atividades na comunidade, verificou-se que existia, igualmente, uma fraca adesão, sendo que apenas um aluno referiu ser acólito, enquanto os restantes mencionaram pertencerem ou já terem pertencido a um agrupamento de escuteiros.

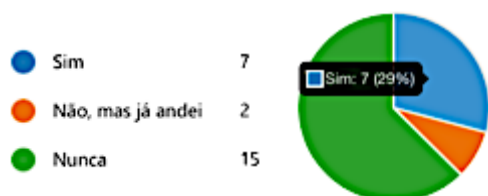


Gráfico 7 - Frequência à catequese

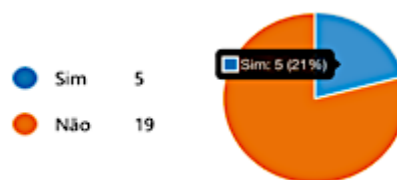


Gráfico 8 - Envolvimento em atividades na comunidade

No que diz respeito ao âmbito específico da lecionação, é de referir que, nas primeiras semanas, se instalou uma certa confusão quanto à assiduidade, dado que alguns alunos manifestaram alguma incerteza quanto à sua inscrição na disciplina, inclusive na identificação da respetiva sala. Todavia, ultrapassados estes obstáculos, a turma, em geral, foi assídua e pontual, mesmo tratando-se da primeira aula do período da manhã. Ao longo do ano, registaram-se algumas faltas de presença, sendo as mesmas, posteriormente, devidamente justificadas.

Relativamente à integração da turma, tendo em conta a sua constituição, isto é, uma turma composta por alunos de três turmas diferentes, apraz referir que os alunos manifestaram uma ótima integração no grupo, embora alguns deles, inicialmente, tivessem referido não se sentirem integrados plenamente. Tais desconfortos, gradualmente, dissiparam-se, tendo em conta o à-vontade que manifestaram ao longo das aulas. Verificou-se que, em contexto de sala de aula, os alunos rapidamente se entrosaram nas várias atividades e dinâmicas da disciplina, demonstrando interesse nos temas abordados, disponibilidade e uma notável colaboração em todo o trabalho praticado em sala de aula. Ao longo da PES, a turma demonstrou uma excelente participação muito positiva, pois os alunos aderiram, ativamente, às diversas atividades e dinâmicas propostas com iniciativa própria, empenho e respeito, bem como de forma organizada, eficiente e responsável.

No que respeita às diversas intervenções dos alunos, estes revelaram uma participação adequada e pertinente nas aulas, proporcionando um ambiente agradável e motivador, evidenciando-se um comportamento adequado, tendo sido possível verificar uma boa relação interpessoal. Deste modo, ao longo das aulas, a turma manteve um diálogo coerente, respeitando as intervenções das professoras estagiárias e dos colegas. Assim, podemos confirmar, conforme nos diz Arends, que «a motivação dos alunos deve ser um motivo de preocupação».¹⁴

¹⁴ Arends, *Aprender a ensinar*, 68.

No que concerne às estratégias utilizadas, é de referenciar que as mesmas visavam transmitir os conteúdos pretendidos, os quais constam no Programa de EMRC, mediante variados recursos para cativar a atenção dos alunos e promover o ensino-aprendizagem, conduzindo deste modo a uma interação contínua. Neste sentido, considero que foi estabelecida uma aproximação bastante positiva entre todos.

É de reiterar que se tratou de uma turma muito receptiva, participativa e interessada, surpreendendo positivamente, dada a sua diversidade, pois, além de serem turmas diferentes, foi possível detetar que parte dos alunos revelou não ter uma vivência religiosa significativa no seu dia a dia. De facto, este foi um dos cuidados que se revelou bastante importante para o trabalho implementado ao longo da PES, dado que a preocupação era tentar chegar a todos, deixando uma mensagem essencial a cada aula lecionada, sem chocar com a sensibilidade e experiência de cada um.

Perante o exposto, a prática letiva proporcionou a possibilidade de desenvolver e aperfeiçoar as minhas capacidades e concretizar os objetivos a que me propus para a PES.

2. Reflexão da Prática de Ensino Supervisionada

As aulas de Educação Moral e Religiosa Católica promovem um espaço de partilha, cooperação e conhecimento, proporcionam uma troca de experiências de vida que favorecem o processo de ensino-aprendizagem, quer seja do aluno, quer do professor. Ora, a oportunidade de experienciar a lecionação em contexto de formação possibilita, sem dúvida, ponderar todo o trabalho concretizado e valorizar cada vez mais o papel da área curricular de EMRC na Escola.

2.1. O papel de EMRC na Escola

A área curricular de Educação Moral e Religiosa Católica surge nas escolas como uma proposta educativa, cuja missão específica se baseia numa visão cristã do mundo, oferecendo uma reflexão em torno das opções que são tomadas no dia a dia e do sentido que é atribuído à vida e à vivência religiosa. A mesma sensibiliza para os valores que norteiam a vida do ser humano, valorizando, assim, o diálogo, a tolerância, a responsabilidade, a cooperação e o respeito mútuo entre outros.

Tratando-se de uma disciplina que proporciona uma reflexão acerca do sentido que é atribuído à vida, a EMRC revela-se fundamental no âmbito escolar porque impulsiona o desenvolvimento de uma dimensão importante da vida das pessoas, ou seja, a dimensão religiosa e/ou espiritual dos alunos mediante a experiência. Daí, também, a importância atribuída aos professores de EMRC, como refere o Padre Luís Rodrigues:

Como professores de EMRC, mandatados pela Igreja, temos um tesouro que essa cristã [...] um professor tem de ser um hermeneuta da experiência religiosa. alguém que ajudou o aluno a perceber o que está a experimentar e a descobrir o seu sentido. A experiência religiosa acontece na vida de cada aluno o conteúdo da disciplina capacita o aluno a ler e entender.¹⁵

A procura de um sentido para a vida, também, se encontra relacionada com a dimensão religiosa em cada pessoa, dado que é uma das formas de dar sentido e significado ao que é vivenciado, realçando a importância da relação com os outros. Paralelamente, o reconhecimento e a afirmação da identidade de cada pessoa acontecem na relação, a qual promove uma educação/vivência que integra as várias dimensões da vida.

Segundo a Conferência Episcopal Portuguesa:

¹⁵ Luís Miguel Rodrigues, «Desenvolvimento sociomoral e religioso na infância», *Revista de Catequese e Educação*, n.º 44 (maio-agosto 2019): 64.

A dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana. Por isso, não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais. A EMRC tem, pois, um alcance cultural e “um claro valor educativo”. Orienta-se para “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”.¹⁶

Neste sentido, a EMRC contribui para a construção de uma sociedade mais fraterna, compreensiva e consciente dos problemas existentes e da sua dimensão religiosa. Daí a sua importância no contexto escolar, dado que a educação, para ser integral, engloba todas as dimensões do ser humano, sendo importante proporcionar a reflexão com base em experiências concretas. Assim evidencia a proposta metodológica que integra três momentos essenciais, nomeadamente a própria experiência da vida e conseqüente reflexão estruturadas pelos domínios da Religião e Experiência Religiosa e da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida e, ainda, as dimensões ética e moral que permitem a interpretação, o desenvolvimento e o amadurecimento no agir social e moral, no Domínio da Ética e Moral.¹⁷

Deste modo, é uma disciplina que pretende, igualmente, sensibilizar para os problemas humanos e sociais. Por isso, assume a sua importância no contexto escolar por estar relacionada com a transmissão de valores morais, com destaque para a importância da cultura e da cidadania, para o reconhecimento da diferença e da diversidade cultural. De facto, a EMRC contribui, fortemente, para a construção do ser humano e, conseqüentemente, para a ação na sociedade, fortemente relacionada com a cultura, cujo conceito significa identidade e herança de tudo o que se encontra associado ao viver de cada pessoa.

De certo, a dimensão religiosa também faz parte da vida do ser humano e pode ser um ponto de partida relevante para entender o sentido que é dado à existência humana, proporcionando uma visão sobre as experiências significativas do ser humano. Atendendo que se trata do contexto escolar, assim alude Fernando Moita: «A Escola é, pois, convidada a oferecer aos jovens os diversos elementos de conhecimento quanto à significação do mundo e da pessoa humana.»¹⁸ Portanto, é legítimo mostrar que a dimensão religiosa se manifesta na história do ser humano, atribuindo sentido à edificação das diversas comunidades.

¹⁶ Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade», acedido a 29 de julho de 2022, <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

¹⁷ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Gráfica Almondina, 2014), 10-11. As próximas referências serão citadas como *Programa de EMRC*.

¹⁸ Fernando Moita, «A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual», *Revista de Catequese e Educação*, n.º 26 (maio-agosto 2013): 61.

Assim, trata-se de uma disciplina que oferece uma visão religiosa do ser humano nas suas várias dimensões, de modo a atribuir sentido à realidade, bem como possibilitando uma compreensão do próprio fenómeno religioso e das experiências, enquanto acontecimento que engloba todos os crentes. A mesma pretende, ainda, valorizar a vivência religiosa e promover um diálogo pessoal e inter-religioso, mas também possibilitar uma relação com o transcendente,¹⁹ oferecendo um caminho e não uma imposição.

A EMRC surge, ainda, como um apelo para a construção de uma identidade, de um projeto e de uma sociedade mais justos e solidários, partindo da possível abertura à dimensão religiosa. Procura, ainda, relacionar as várias áreas, cativando os alunos a fim de que possam adquirir uma chave de leitura sobre a vida, mas de um ponto de vista distinto.

Juan Ambrosio destaca que, além de fazer uma leitura da sociedade, da vida e da história, procede a uma transformação, pois «é também dar aos nossos alunos critérios de discernimento e desenvolver as competências e capacidades necessárias que possibilitem e permitam a essa transformação da sociedade e da sua vida.»²⁰ É, pois, uma disciplina que interpela à inovação e à transformação não só pessoal mas também no que toca ao mundo envolvente, pois cada gesto ou cada palavra positiva gera, certamente, impacto nos outros. Assim, embora alicerçada na educação e cultura religiosa, a EMRC proporciona aos alunos uma maneira diferente de cada um se ver a si próprio, aos outros e ao mundo, sensibilizando para o bem comum e o cuidado do outro.

Neste sentido, verifica-se que a EMRC é uma proposta para a construção de um percurso de vida, isto é, de crescimento e formação pessoal, social e religioso, a qual proporciona aos alunos uma ação proativa na sua própria vida e na vida da comunidade em que se insere, bem como nos diversos meios envolventes. É importante não esquecer, ainda, a importância dos princípios que formam a pessoa humana, a qual se abre, vai ao encontro e dialoga com o outro, reconhecendo-o e respeitando-o nas suas várias dimensões. De facto, é relevante reconhecer que a EMRC propõe uma reflexão que conduz a um agir concreto no dia a dia e contemplar que o religioso se manifesta nas ações perante a presença do outro.

A EMRC apresenta-se como um meio de ler e interpretar a realidade, procurando ser uma ponte para a relação com o transcendente. Significa que é uma disciplina que oferece um conhecimento específico e, até, apraz dizer que proporciona a muitos alunos um desenvolvimento pessoal e/ou coletivo de uma vivência religiosa, englobando todos os seus aspetos próprios, como, por exemplo, as manifestações e os seus símbolos.

¹⁹ Cf. *Programa de EMRC*, 5.

²⁰ Juan Ambrosio, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares», *Revista de Catequese e Educação*, n.º 31-32 (janeiro-agosto 2015): 73.

Paralelamente à relevância que é atribuída à disciplina de EMRC, não será despropositado salientar o papel essencial e a missão do professor, também, considerados fundamentais na educação e formação integral do aluno, bem como o enriquecimento pessoal e profissional do próprio professor de EMRC. Destaca-se, aqui, um dos pontos complementares que é, precisamente, diferente das demais áreas, isto é, sugere uma ação transformadora perante os desafios que lhe são impostos que, por meio da participação do professor, contribuiu para responder às necessidades do dia a dia e para um desenvolvimento harmonioso, incentivando uma formação mediante a liberdade, a responsabilidade e a solidariedade, valorizando, assim, as várias dimensões da vida humana.²¹ Assim, o *Programa de EMRC* relembra a complexidade de viver e transmitir a verdade e a caridade no meio escolar, mediante a palavra e o exemplo, pelo que o professor de EMRC tem de se capacitar para oferecer um contributo fundamentado no entendimento em torno da pessoa, da natureza e da sociedade, tendo em consideração a diversidade cultural.²²

2.2. A Unidade Letiva 4 – A Paz Universal

A Unidade Letiva 4 – *A Paz Universal* foi a unidade de referência no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. Esta encontra-se no *Programa de EMRC* do sétimo ano de escolaridade do terceiro ciclo do ensino básico, tratando-se de uma UL que apresenta o conceito de paz, de promoção, de construção e de manutenção da paz.

Naturalmente, é uma temática de cariz bastante rico quanto ao seu interesse pedagógico, dado que esta Unidade Letiva (UL) traça um percurso que implica uma construção de uma perspetiva pessoal, social, mas também de sentido respeitante à educação, à justiça, à superação dos conflitos, à superação do egoísmo e da indiferença perante o Outro. É uma UL trilhada por uma proposta de transformação pessoal, apelando ao encontro e ao comprometimento com o Outro, bem como ao diálogo, ao perdão e à reconciliação.

Tudo isto aponta para uma constante necessidade de invocar todos para a consciencialização e concretização da paz nos vários meios, de modo que sejam promovidos valores, como a tolerância, a solidariedade, o respeito, a cooperação, entre outros, bem como um diálogo ponderado e sincero, de modo a ser possível estabelecer uma efetiva e saudável convivência.

É de realçar que, embora esta seja a quarta UL estipulada no Programa de EMRC, decidimos alterar a ordem de lecionação das Unidades Letivas, em Par Pedagógico e,

²¹ Cf. *Programa de EMRC*, III.

²² Cf. *Programa de EMRC*, 164.

posteriormente, em Núcleo da PES, concordando que seria vantajoso a mesma ser lecionada em segundo lugar. Foi uma tomada de decisão que teve em apreciação o facto de a temática coincidir com a época festiva do Natal, a qual apela à esperança, à atenção ao Outro e, conseqüentemente, ao contínuo desejo da vivência em paz, bem como o tema estar intimamente relacionado com o Dia Mundial da Paz, em que no primeiro dia do ano é sempre transmitida uma mensagem do Papa, que se traduz num apelo a todos e, ainda, com o Dia Escolar da Não Violência e da Paz, cuja data é comemorada no dia 30 de janeiro.

O respetivo itinerário visava entender e reconhecer a importância de proceder a uma promoção concreta da não violência mediante atitudes concretas e a educação, o diálogo, a cooperação e a fraternidade como meios pacíficos de resolução dos conflitos existentes e com os quais deparamos constantemente na nossa realidade. Posto isto, considero que foi fundamental reforçar a importância da reflexão, do compromisso e da renovação do nosso olhar, abrindo caminho para o encontro com o Outro, promovendo o diálogo e, por conseguinte, fomentar as condições necessárias para se poder construir a tão desejada paz, quer pessoal, quer social.

Deste modo, saliento a pertinência desta UL pela sua riqueza pedagógica, a qual se reflete na nossa atualidade que, infelizmente, é marcada por constantes conflitos, egoísmo, falta de humildade e, conseqüentemente, a visível ausência de consideração pela dignidade do Outro no dia a dia.

2.3. Gestão e leção da Unidade Letiva 4

A gestão e a leção da Unidade Letiva 4, *A Paz Universal*, teve em consideração a proposta apresentada no programa da disciplina de EMRC, as aprendizagens essenciais, as metas, os objetivos e os conteúdos. Embora tenhamos procedido a uma alteração da ordem da leção das respetivas Unidades Letivas do 7.º ano, estimo ter sido realizada uma boa gestão de todo o Programa, com o intuito de estabelecer sempre um fio condutor ao longo das aulas, relacionando com datas alusivas, com destaque para o Dia dos Direitos Humanos, o Dia Mundial da Paz e o Dia Escolar da Não Violência e da Paz, bem como a vivência natalícia, cuja época é um apelo a vivermos em paz uns com os Outros.

Saliento que o intuito de toda a prática letiva consistiu na procura de várias e diversificadas estratégias, atividades e dinâmicas de aula, de modo a transmitir os conteúdos e a mensagem pretendida, bem como cativar e envolver os alunos, tentando evitar a monotonia e a repetição em que poderia eventualmente “cair” o respetivo tema. A exploração das respetivas metas desta UL conduz, naturalmente, a que seja direcionada e relacionada com situações

concretas dos alunos, dado que a necessidade de se construir e manter a paz no dia a dia entre todos é uma realidade constante.

Posto isto, para a presente UL foram estipuladas e lecionadas oito aulas, tendo sido elaboradas as respectivas planificações de nível IV, os *PowerPoints* a serem utilizados em cada aula, de modo a manter uma orientação e foco na mensagem essencial, bem como os respetivos materiais pedagógicos para cada uma das aulas.²³ Acrescento que, ao longo da leção da UL em questão, o objetivo era promover momentos de reflexão e partilha, bem como sensibilizar e responsabilizar para a importância da ação individual e coletiva que cada pessoa tem nos seus ambientes.

Toda a prática letiva realizada, posteriormente, foi descrita em relatórios de aula, cujas reflexões acompanharam todos os passos postos em prática e os desafios que foram surgiram, ou seja, selecionar, definir e adequar as estratégias a serem aplicadas em sala de aula, avaliar os momentos e as decisões tomadas no antes e durante a leção, bem como as aprendizagens que foram sendo adquiridas, reconhecer o que correu bem ou menos bem. Foi um tempo e espaço que, a cada semana que passava, soava sempre a um novo desafio, nomeadamente de querer superar as dificuldades que foram surgindo, independentemente da sua natureza, a vontade de querer concretizar, e bem, tudo aquilo a que me propusera, e, ainda, de forma humilde e sincera de reconhecer as minhas limitações e, também, evoluções.

²³ Todos os materiais elaborados para cada aula lecionada poderão ser consultados no Portefólio realizado no âmbito da PES, apresentados no Separador 3 – Planificações de Nível IV, na página 5.

PLANIFICAÇÃO DE AULA N.º 1

EMRC - Unidade Letiva 4: A Paz Universal

Lição n.º 11 (UL: 1/8) – Duração 45 minutos

Aprendizagens Essenciais: Identificar a Paz como condição essencial para a convivência humana.


Ano: 7.º

Turmas: A, B, G

Data: 30/11/2021

Sumário: Significado do Tempo do Advento.

Introdução à Unidade Letiva: A Paz Universal.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa ²⁴
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	A paz: - Sinal da vivência do Tempo do Advento; - O grande sonho da humanidade; - A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa.	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> • PPT²⁵ • Computador/projetor • Caderno do aluno 	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade - Pontualidade
			<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo com os alunos - contextualização da vivência cristã: - Ano litúrgico - Tempo do Advento 	<ul style="list-style-type: none"> • Panfletos²⁶: • Proposta - Coroa do Advento 	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção e interesse - Participação - Pertinência
			<ul style="list-style-type: none"> • Introdução à UL 4 – A paz universal: - Realização e exploração de chuva de ideias no quadro – “<i>A Paz é...</i>”; - Alusão a alguns símbolos e datas que promovem a educação e construção da Paz. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma placa e giz para cada aluno 	15 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção e interesse - Participação - Respeito pelas opiniões - Pertinência
			<ul style="list-style-type: none"> • É tempo de sermos <i>Os Artistas da Paz</i> – Cada aluno receberá um cartão/marcador e deverá responder objetivamente à questão: <i>E para ti... O que significa a PAZ?</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartão/Marcador²⁷ para completar 	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção e interesse - Participação
Síntese de aula (5 min.): A PAZ é condição essencial para a convivência humana.						

²⁴ **Anexo I** - Grelha de registo de observação direta a utilizar ao longo da Unidade Letiva.

²⁵ O PowerPoint acompanhará o decurso da aula.

²⁶ **Anexo II** – Panfleto: Coroa do Advento (Proposta em Família).

²⁷ **Anexo III** – Cartões/Marcadores.

A planificação da primeira aula referente à Unidade Letiva 4 - *A Paz Universal* foi pensada e elaborada a partir de dois conteúdos, nomeadamente o significado do Advento e a introdução à temática da UL a explorar, visando contextualizar e relacionar o significado da paz com a época que havia sido iniciada, o Advento.

Sendo a segunda a dar continuidade à lecionação no âmbito da PES, debati-me com a constante preocupação em como planificar uma aula cativante e dinâmica em pleno período pandémico. Logo, todo o material pensado e utilizado em aula, nomeadamente a elaboração do PowerPoint, os panfletos com a proposta para o Advento, as placas de giz ou de caneta para cada aluno para a dinâmica de quadro e os destacáveis para a atividade final, tinha como objetivo diversificar a estratégia em sala de aula, gerar a reflexão e promover a participação, visando transmitir uma mensagem clara e objetiva.

Antes de iniciar a aula, para não interferir demasiado com o decurso da aula, as placas de giz ou de caneta foram distribuídas pelas mesas dos alunos, com o intuito de promover a participação de todos, atendendo às regras impostas devido ao atual estado pandémico, ao número de alunos e ao espaço disponível de circulação. Pretendia, assim, proporcionar uma aula dinâmica, sem descuidar do sentido e dos objetivos pretendidos, combatendo um pouco a monotonia que se poderia instalar devido ao impedimento de uma interação mais dinâmica em sala de aula.

A lecionação da aula teve início no horário estipulado, tendo sido, como já era habitual, concedido alguns minutos ao acolhimento dos alunos. Não houve registo de grandes atrasos ou desordens, visto que os mesmos já tinham os seus lugares definidos e haviam interiorizado o decurso das aulas ao longo da lecionação da primeira UL. Já sem solicitações prévias, preparavam o material necessário a ser utilizado na aula e registavam o sumário nos seus cadernos/dossiers. A projeção do sumário, como já havido sido adotado na UL anterior, revelou-se, efetivamente, um facilitador no início da aula, pois, enquanto os alunos copiavam o sumário, procedia à explicação o que iria ser abordado ao longo da aula, minimizando o tempo de escrita no quadro.

A organização e a preparação da presente aula previam uma parte dialogal, embora um pouco expositiva, dado que a ideia seria partilhar e/ou relembrar, com os alunos, o significado do Tempo do Advento, tendo em conta que se tratava de uma época que marca a nossa vivência cristã. Deste modo, a primeira parte foi explorada a partir de imagens alusivas, conduzindo, em simultâneo, os alunos à partilha do seu conhecimento e das suas próprias vivências. Este diálogo revelou-se interessante porque alguns dos alunos expressaram, por iniciativa própria, as suas experiências em relação à tradição familiar, como foi o exemplo da elaboração da Coroa do Advento, sendo esta precisamente uma proposta que tinha preparada para ser lançada na aula.

Aquando da entrega do respetivo panfleto, os alunos demonstraram agrado e logo se disponibilizaram para ler o seu conteúdo.

O enquadramento da aula com o Advento, sendo um tempo que nos prepara para a celebração do Natal, tempo que nos impele para a esperança e a paz, considerei que a introdução à UL foi muito a propósito. Quanto à alusão aos símbolos, ao longo da preparação da aula e na própria lecionação, verifiquei que a turma acompanhou a breve explicação, sendo que os próprios alunos adiantavam os seus significados, demonstrando conhecimento do tema. Tal facto tornou a primeira parte da aula interativa, fluindo muito bem.

Os alunos, ao longo da aula, manifestaram uma boa participação e um bom comportamento. A oralidade dos alunos foi bastante positiva e organizada, tendo sido concebido tempo necessário para tal acontecer. No entanto, aquando da participação da chuva de ideias, que naturalmente implicou a ida ao quadro, verifiquei que depressa se havia formado algum congestionamento, pois, embora eu tentasse que a participação fosse organizada, a iniciativa e a adesão dos alunos levou, efetivamente, a alguma agitação. Foi uma turma com um número significativo de alunos e com alguma facilidade é possível perder o controlo deste tipo de participação. Contudo, restabeleci a ordem sem grande confusão e sem criar inibição aos restantes alunos, pelo que continuaram a dar o seu contributo. Também foi um momento que possibilitou verificar que demonstraram respeito perante a chamada de atenção, pelo que considerei ter sido um momento positivo de aprendizagem.

Atendendo à duração da aula, tinha em mente, ainda, criar um espaço de tempo de reflexão. Para tal, após a abordagem da temática e das partilhas dos próprios alunos, a ideia era que cada um escrevesse num destacável o que seria para eles, efetivamente, a Paz. Assim, foi distribuído o respetivo destacável a cada um dos alunos, que já continha, inclusive, a proposta de síntese final de aula. Ao concluir, entregavam o destacável à professora. À dinâmica de final de aula, decidi intitular como *Os Artistas da Paz*, visando estender-se, sempre que possível, a todas as aulas. O surgimento desta designação surgiu, precisamente, tendo em conta o nosso dia a dia, os momentos que em que cada um tem de assumir um carácter comunicativo perante o encontro com o Outro e, conseqüentemente, pelo facto de muitas vezes sentirmos necessidade de ser criativos na nossa maneira de falar, de nos colocarmos, também, no lugar do Outro. Posto isto, pretendia transmitir que seria fundamental entender que construir, promover e manter a paz constantemente exige estabelecermos empatia, compreensão, diálogo e reconciliação com todos. Portanto, sublinhei a importância da criatividade que se encontra relacionada com a liberdade, todavia, o facto de querermos ser livres também implica responsabilidade e atenção aos que estão à nossa volta. Ser artista abre a possibilidade de nos manifestarmos mediante a criação de algo novo e belo e, diariamente, termos a oportunidade de fazer sempre algo novo,

algo que pode ser transmitido através dos nossos sentimentos, das nossas ideias e, sensivelmente, das nossas atitudes.

Foi uma aula que fluiu positivamente. Coloquei em prática o que planificara, embora, por momentos, persistisse a preocupação com o tempo, visto pretender concretizar, efetivamente, a tarefa final, cujo resultado iria servir de síntese de aula. Preocupei-me em salientar os aspetos mais relevantes, apesar de concluir a aula com a sensação de que alguma informação poderia ter sido um pouco mais explorada. Tentei diversificar as estratégias, dentro do possível, atendendo ao que pretendia transmitir e, ainda, valorizar as partilhas dos próprios alunos.

Como conclusão de aula, considerei que a tarefa final foi bastante positiva, atendendo que possibilitou a retenção da mensagem que pretendia transmitir aos alunos. Houve uma boa participação e intervenção dos mesmos, o que me deixou bastante satisfeita com o trabalho que realizei.

Saliento, ainda, a mais-valia do meu par pedagógico, a professora estagiária Catarina Batista, que ao longo da aula se mostrou sempre disponível em auxiliar na distribuição e recolha do material utilizado em aula, bem como a apoiar e/ou até mesmo esclarecer alguma dúvida diretamente com o aluno em questão.

Após a lecionação da aula, foi realizada uma reflexão em reunião de Núcleo, na qual foram tecidos alguns comentários.

As colegas estagiárias mencionaram que a aula foi bem conseguida, bem estruturada e dinâmica. Foi realizada uma boa explicação relativamente ao Ano Litúrgico, com uma boa ligação entre o Tempo do Advento e a temática da *UL A Paz Universal*, tendo sido estabelecido um bom diálogo com os alunos. Destacaram a dinâmica realizada no quadro, a qual se revelou agradável e os alunos demonstraram interesse e à-vontade para participar, refletindo-se numa boa adesão. Perante o entusiasmo dos alunos, observaram uma ligeira desordem, acrescentando que a situação foi bem contornada pela professora, reorganizando sem grande dificuldade. Referiram que os alunos participaram, significativamente, trazendo para a aula as suas vivências pessoais e familiares deste tempo de preparação para o Natal. Por fim, acrescentaram que o conceito Paz foi bem analisado e os materiais utilizados e explorados em aula foram bons e cativantes, permitindo uma partilha de aprendizagens.

O professor cooperante Bento Aguiar referiu que ficou muito satisfeito com a aula observada. Apontou que a introdução desenvolvida e a definição de Advento foram bem conseguidas. Aludiu que foi efetuada uma serena transição para a introdução ao tema da Paz, às várias manifestações da mesma, bem como a explicação, com algum pormenor, dos símbolos da Paz. Salientou, ainda, o diálogo calmo e constante estabelecido com os alunos, o

cumprimento do plano de aula elaborado e o facto de ter realizado uma boa síntese da aula, destacando a atividade final com a escrita, em cartão, sobre o significado da Paz para cada aluno em particular. Mencionou que, por um instante, efetivamente, observou-se alguma confusão na dinâmica que exigia uma ida ao quadro por parte dos alunos, mas que a mesma foi rapidamente resolvida.

PLANIFICAÇÃO DE AULA N.º 2

EMRC - Unidade Letiva 4: *A Paz Universal*

Lição n.º 12 (UL: 2/8) – Duração 45 minutos


Aprendizagens Essenciais: Discutir situações reais de falência da paz.

Ano: 7.º

Turmas: A, B, G

Data: 07/12/2021

Sumário: A importância dos Direitos Humanos para uma vivência da paz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa ²⁸
O. Amadurecer a sua responsabilidade e perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	2. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.	- A falência da paz; - Direitos Humanos.	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> • PPT* • Computador/Projetor • Caderno do aluno 	5 min.	- Assiduidade - Pontualidade
			<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo com os alunos sobre: <ul style="list-style-type: none"> - Algumas situações de ausência de paz e respetivas causas; - O Dia Internacional dos Direitos Humanos e a Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamada pela ONU. 	<ul style="list-style-type: none"> • Declaração Universal dos Direitos Humanos²⁹ para cada aluno 	15 min.	- Atenção - Participação e Pertinência - Respeito pelas opiniões
			<ul style="list-style-type: none"> • Atividade d' Os Artistas da Paz – Declaração Universal dos Direitos Humanos** <ul style="list-style-type: none"> – Cada aluno receberá um cartão com um artigo da Declaração e deverá escrever uma ação alusiva ao artigo que coube a cada um; - E receberá outro cartão/marcador, no qual poderá escrever uma ação que promova a PAZ. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartão para registo de Artigo e Cartão/marcador para cada aluno³⁰ 	20 min.	- Atenção - Interesse - Participação

Síntese de aula (5 min.): Os Direitos Humanos permitem uma convivência harmoniosa entre todos.

Observações

* O PowerPoint acompanhará o decurso da aula.

** Com esta atividade pretende-se expor, no exterior da sala de aula, os cartões com as propostas de ações a concretizar durante a Semana dos Direitos Humanos para a promoção da Paz.

²⁸ **Anexo I** - Grelha de registo de observação direta a utilizar ao longo da Unidade Letiva.

²⁹ **Anexo II** – Síntese da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

³⁰ **Anexo III** – Cartões com Artigos da DUDH e cartões/marcadores para atividade final.

A planificação da presente aula foi direcionada para a Semana dos Direitos Humanos, não somente porque a semana assim o exigia, mas atendendo a que a própria UL apela a estes mesmos direitos. Posto isto, o objetivo seria realizar uma aula dinâmica, como o próprio tema exige, mas, simultaneamente, sem ajuntamentos na sala, até porque sendo a turma relativamente grande, a sala não proporcionava grandes distanciamentos. Contudo, ao pensar na organização e preparação desta aula, pretendia algo que envolvesse todos os alunos e que cada um desse o seu contributo. Neste sentido, a aula foi planificada partindo de situações concretas do nosso dia a dia, para assim as relacionar com os Direitos Humanos.

A aula teve início no horário estipulado, com o acolhimento aos alunos à medida que iam chegando, podendo verificar-se, nesta aula, que os alunos que chegavam já perguntavam pelo sumário. Facto este que considerei interessante porque, a meu ver, demonstrou interesse e/ou curiosidade sobre a temática a abordar na presente aula. À semelhança da última aula, o sumário foi projetado com o recurso ao *PowerPoint*, facilitando a escrita e a explicação do que iria suceder na aula.

Assim, ao longo da aula foi sendo criado espaço para o diálogo, o qual valorizo muito, embora persistisse a preocupação relativa à questão do tempo, pois permaneceu o receio de travar indevidamente as intervenções dos alunos. No entanto, sempre que possível, tentei orientar e/ou fazer ligação com o que pretendia ou com o que se seguia.

Tratando-se de uma temática muito rica em conteúdos, após o diálogo e ligação da UL à Semana dos Direitos Humanos, com a contextualização histórica e respetiva necessidade que conduziu à criação dos mesmos, recorri a uma síntese da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Por isso, foi entregue aos alunos uma cópia dos trinta Direitos que constam da DUDH.

De seguida, e já com o objetivo da atividade final, foi entregue a cada aluno, um cartão com um dos Direitos, proporcionando, assim, um momento de leitura e breves explicações dos mesmos. A leitura foi ordenada consoante a Declaração, o que exigia a atenção de todos. Atendendo serem muitos direitos, alguns deles foram somente lidos, pelo menos, os mais acessíveis, para outros senti a necessidade de explicar ligeiramente o seu significado, devido à questão da duração da aula.

Considerei a tarefa final interessante, pois, pretendia impelir os alunos a escrever no cartão uma ação concreta relacionada com o direito que lhes coube. Contudo, o tempo já se manifestava escasso, pelo que alguns não conseguiram registar na íntegra algumas atitudes que poderiam promover a paz no dia a dia, registando apenas o direito que lhes coube nos descartáveis que lhes foram entregues. A aula foi concluída com uma breve síntese final, enquanto alguns alunos ainda escreviam no destacável, devolvendo-o assim que terminavam.

O objetivo seria expor o resultado da atividade à comunidade escolar. No entanto, prevendo a escassez de tempo e a possível confusão que se poderia instalar no final, somente após a aula foi montado um mural com os respetivos cartões no corredor adjacente à sala da turma, com o auxílio da professora estagiária Catarina Batista. A exposição ainda exigiu algum tempo. Na conclusão do mesmo, pude, ainda, contar com a colaboração das colegas professoras estagiárias Ana Brum e Sílvia Botelho. O mural ficou exposto durante a respetiva semana.

Uma vez mais, o meu par pedagógico, a professora estagiária Catarina Batista, assumiu um papel marcante. Mostrou-se sempre disponível para apoiar e circulou, também, pela sala aquando da realização da tarefa, de modo a esclarecer algumas dúvidas. Da mesma forma, destaco a disponibilidade que a professora estagiária Ana Brum demonstrou, voluntariamente auxiliando nos esclarecimentos de alguns dos alunos que aguardavam o meu apoio. Detetei que, efetivamente, alguns manifestaram alguma dificuldade em escrever uma ação concreta relacionando com alguns dos Direitos.

Apreciei a aula como bastante positiva. A contextualização e o respetivo objetivo a que me propusera haviam sido cumpridos e o respetivo destaque dos aspetos que considerei mais relevantes foi concretizado. Permanecendo a noção de que havia muita informação, tentei sintetizar o melhor possível tendo em conta a perspetiva de exploração.

O material preparado e utilizado pretendia ser dinâmico e apelativo, não só em contexto de sala de aula mas também chegar à restante comunidade escolar através da exposição da compilação das ideias/sugestões dos nossos alunos, tentando proporcionar exemplos de algumas ações promotoras da paz.

Com esta atividade pretendia que cada aluno tentasse associar um dos Direitos a algo concreto do nosso dia a dia. No entanto, ao surgirem algumas dúvidas e dificuldades, por momentos, sentia que provavelmente não havia explicado muito bem, abreviando demasiado devido à preocupação em cumprir a atividade na íntegra. Contudo, apreciei que, pelas dúvidas apresentadas, as dificuldades maiores se deviam à similaridade de alguns Direitos.

Aquando da reflexão em reunião de Núcleo, as professoras estagiárias referiram que a aula foi bem planificada e organizada, com materiais interessantes e apelativos e que a professora estagiária parecia estar segura do que havia planificado. Consideraram que foi realizada uma boa contextualização dos Direitos Humanos e foi importante explicar o objetivo da ONU e da sua função. Consideraram ter sido uma boa exposição, cuja dinâmica complementar, com os cartões com os Direitos Humanos com imagens apelativas, foi interessante e bem explorada. Foi valorizado o facto de os trabalhos dos alunos serem expostos no exterior da sala para visualização de toda a comunidade educativa.

O professor cooperante Bento Aguiar manifestou a sua satisfação de como o tema dos Direitos Humanos tinha sido abordado e relacionado com a paz. Verificou uma boa preparação científica quanto à sua origem e enquadramento dos mesmos, bem como a associação do pós-guerra e do surgimento da ONU, visando estabelecer alguma ordem social e paz no mundo. Salientou que a dinâmica realizada foi excelente e houve uma boa relação com a atualidade, valorizando, também, os materiais elaborados para a aula e o trabalho pormenorizado em questão. Referiu, ainda, que a aula culminou quando todos os alunos participaram na leitura da Declaração Universal e em que cada um teve oportunidade de ler um Direito Humano. Mencionou que foi apresentada uma perspetiva mais relacionada com a paz e com as relações pacíficas na sociedade, a qual resultou bem. Os objetivos foram cumpridos e a elaboração do marcador no final da aula foi adequada. Considerou, assim, ter sido uma aula controlada e serena.

PLANIFICAÇÃO DE AULA N.º 3

EMRC - Unidade Letiva 4: A Paz Universal

Lição n.º 13 (UL: 3/8) – Duração 45 minutos


Aprendizagens Essenciais: Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo.

Ano: 7.º

Turmas: A, B, G

Data: 14/12/2021

Sumário: Realização de auto e heteroavaliação. O sentido do Natal e o desejo pela Paz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa ³¹
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos	O direito à paz:	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> • PPT* • Computador/Projetor • Caderno do aluno 	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade - Pontualidade
		- A proteção dos mais vulneráveis.	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de auto e heteroavaliação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ficha de Autoavaliação³² 	25 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção - Participação - Respeito pelas opiniões
		O sentido do Natal e o desejo pela paz	<ul style="list-style-type: none"> • Breve diálogo sobre o Natal e o desejo de Paz • Entrega e conclusão da construção do Símbolo de Natal** representativo da Vida e da verdadeira essência do Natal, a partilhar com a Família e com a comunidade educativa. - Base em forma de estrela, com pote decorativo e saquinhos com terra e com sementes ervilhaca; - Mensagem de Natal para colar na base/estrela. 	<ul style="list-style-type: none"> Para cada aluno³³: • Estrela em Goma Eva • Pote reciclável com fita decorativa • Cola • Destacável com mensagem de Natal • Saquinhos com terra e com sementes de ervilhaca 	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Empenho e interesse - Participação

Síntese de aula (5 min.): O Natal é tempo de Paz e Amor entre as famílias e cuidado pelo Outro.

Observações

* O PowerPoint acompanhará o decurso da aula.

** Enquanto os alunos concluem a construção do símbolo, poderá colocar-se uma música instrumental alusiva ao tempo festivo.

³¹ **Anexo I** - Grelha de registo de observação direta a utilizar ao longo da Unidade Letiva.

³² **Anexo II** – Ficha de autoavaliação.

³³ **Anexo III** – Símbolo de Natal: previamente preparado, tendo em conta que a presente aula irá contemplar a realização da auto e heteroavaliação.

A organização e preparação foi realizada tendo em conta dois momentos distintos, ou seja, a realização da auto e heteroavaliação e um breve diálogo sobre o Natal, relacionando-o com o desejo de se construir e obter a Paz, finalizando com o símbolo de Natal. Relativamente à autoavaliação, tinha sido estipulado em Núcleo que aplicaríamos uma ficha de autoavaliação adaptada da existente. De facto, foi elaborada uma adaptação da ficha de autoavaliação e aplicada por todas as professoras estagiárias do Núcleo com o consentimento e aprovação do docente cooperante. Antes da aula, a professora estagiária Catarina Batista e eu partilhamos a nossa perspectiva e proposta de avaliação relativamente a cada aluno. Posteriormente, as nossas conclusões foram partilhadas com o docente cooperante.

No que concerne à lecionação da aula, a mesma decorreu tranquilamente, com início no horário estipulado, mantendo a estratégia de projeção do sumário, do qual os alunos tomaram nota nos seus cadernos/dossiers, primando sempre uns momentos para o acolhimento.

Seguiu-se a distribuição da ficha adaptada da autoavaliação e procedi à sua explicação. Posteriormente, a docente estagiária Catarina Batista realizou a heteroavaliação, tendo sido acordado atempadamente entre nós, atendendo ao facto de que o maior número das aulas tenha sido lecionado pela mesma. Consideramos que a ficha de autoavaliação adaptada se demonstrou funcional e facilmente interpretada pelos alunos, embora fosse necessário mais algum tempo para a sua elaboração, podendo a mesma ser revista e melhorada para aplicação posterior.

Seguidamente, retomei a UL — *A Paz Universal* — estabelecendo uma ponte para a mensagem e respetivo símbolo de Natal. O símbolo foi previamente elaborado em par pedagógico, pois tendo em conta a duração da aula não daria tempo de o concretizar na íntegra com os alunos na aula. O símbolo foi pensado em Núcleo e distribuído pelos alunos do sétimo e nono anos pelos vários serviços da Escola. Revelou-se uma atividade interessante e do agrado dos alunos, não sendo somente lançada uma mensagem de Natal em contexto de sala de aula mas também a toda a comunidade escolar.

Após a lecionação da aula, foi realizada uma reflexão em reunião de Núcleo, na qual o professor cooperante Bento Aguiar começou por elogiar as professoras estagiárias pela criação e adaptação da grelha de auto e heteroavaliação, tendo em conta que a mesma simplificou significativamente o processo, sem perder o seu sentido. Evidenciou a importância da avaliação formativa, estando esta adequada à aula em questão. Acrescentou ter sido realizada uma boa explicação da respetiva ficha, serenamente, não surgindo problemas na sua compreensão, assim como a transformação de qualitativo em quantitativo. Deste modo, considerou que a autoavaliação foi justa e transparente. Enalteceu, ainda, o papel que o Núcleo teve para tornar visível o trabalho concretizado com as turmas, sobretudo pela distribuição das mensagens natalícias pelos vários serviços da Escola.

PLANIFICAÇÃO DE AULA N.º 4

EMRC – Unidade Letiva 4: *A Paz Universal*

Lição n.º 14 (UL: 4/8) – Duração 45 minutos


Aprendizagens Essenciais: Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo.

Ano: 7.º

Turmas: A, B, G

Data: 11/01/2022

Sumário: Exploração da Mensagem do Dia Mundial da Paz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa ³⁴
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos	Papa Francisco, Mensagem para o Dia Mundial da Paz, 2022	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> • PPT* • Computador/Projetor • Caderno do aluno 	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade - Pontualidade
			<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo com os alunos sobre o Dia Mundial da Paz (1 de janeiro de 2022) a partir da Mensagem do Papa Francisco, com destaque das palavras-chave. • Dinâmica de exploração da Mensagem: <ul style="list-style-type: none"> - Cada aluno receberá uma imagem e serão convidados a comentar a mesma; - No quadro serão registadas as ideias partilhadas; - O objetivo é destacar os três caminhos propostos: Diálogo entre gerações; Educação e Trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mensagem Dia Mundial da Paz (síntese)³⁵ • Imagens³⁶ alusivas às palavras-chave • Quadro e giz 	15 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção - Participação - Pertinência - Respeito pelas opiniões
			<ul style="list-style-type: none"> • Atividade dos Artistas da Paz – Criação de um símbolo da Paz** <ul style="list-style-type: none"> - Com base nas frases da Mensagem, os alunos criarão o seu próprio símbolo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas A5 • Material de escrita/desenho 	15 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Empenho e interesse - Participação

Síntese de aula (5 min.): Todas as pessoas são convidadas a serem artesãs da paz.

Observações

* O PowerPoint acompanhará o decurso da aula.

** A atividade poderá ser concluída na próxima aula, se necessário.

³⁴ Anexo I - Grelha de registo de observação direta a utilizar ao longo da Unidade Letiva.

³⁵ Anexo II – Síntese da Mensagem do Santo Padre Francisco para a Celebração do 55.º Dia Mundial da Paz, disponível em Vatican.va

³⁶ Anexo III – Imagens retiradas das seguintes fontes: [La Prensa](http://LaPrensa) (adaptada); png.egg e Pixy.org.

A chegada pontual dos alunos fez com que a aula se iniciasse no horário previsto. Tratando-se da primeira aula do segundo período, dei as boas-vindas aos alunos, desejando um excelente Ano Novo e dando a possibilidade de os restantes professores presentes deixarem uma mensagem aos alunos da turma.

As ideias eram várias, mas acabei por planificar a aula a partir da 55.ª Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do Dia Mundial da Paz assinalado no dia 1 de janeiro e respetiva exploração da mensagem a partir de uma dinâmica que exigia reflexão e interação. Assim, o diálogo com os alunos teve como ponto de partida os três caminhos que o Papa Francisco propõe na Mensagem, nomeadamente o diálogo entre gerações, a educação e o trabalho, tendo sido entregues a cada aluno três imagens alusivas a cada caminho.

Relativamente à lecionação da aula, à semelhança das aulas anteriores, o sumário foi projetado com o recurso ao PowerPoint, facilitando, assim, a escrita e a explicação breve do que iria suceder na aula.

Para iniciar a exploração da Mensagem, optei por realizar uma chuva de palavras no quadro, tendo como ponto de referência as três imagens selecionadas. É uma estratégia que considero sempre bastante apropriada, pois promove o diálogo com os alunos sobre um tema específico ou chegar a um objetivo e terem a oportunidade de exporem as suas ideias e interpretações. Posto isto, a dinâmica fluiu muito bem, pelo que considero que foi bem conseguida, dado que levou a uma participação dos alunos bastante interativa, revelando-se bastante positiva.

A abordagem ao Dia Mundial da Paz, relacionando-o com a respetiva Mensagem do Papa Francisco, foi oportuna, pois encontrava-se completamente adequada em relação à temática da UL que estávamos a explorar. Tratando-se, simultaneamente, da primeira aula do ano civil, o objetivo prendia-se no diálogo com os alunos, transmitindo sempre uma mensagem atual de positivismo e humanismo, não descurando a nossa realidade. Embora o excerto da Mensagem entregue aos alunos se denunciasse algo extenso, tive o cuidado de selecionar algumas frases-chave de modo a simplificar e complementar a exploração realizada a partir das intervenções assertivas dos alunos.

O momento da realização da atividade, intitulada de *Artistas da Paz*, proporcionou um momento mais descontraído, pois cada aluno deveria criar um símbolo da paz, apelando ao empenho e à criatividade dos alunos. A propósito desta atividade, senti necessidade de acrescentar o critério de avaliação — a criatividade — que se revelou em falta na grelha de observação direta.

Aquando da planificação da aula, previa que a atividade pudesse não ser concluída, facto que se provou, pelo que a atividade foi concluída na aula seguinte. Os alunos manifestaram

interesse na atividade, apesar de haver sempre algum que, inicialmente, dissesse que não tinha ideias ou não soubesse fazer. Contudo, com um acompanhamento mais próximo, quer da minha parte, quer da parte da professora estagiária Catarina Batista, a maioria conseguiu registrar as suas ideias. A aula foi concluída com uma síntese.

Considero que a aula foi positiva, atendendo ao enquadramento do conteúdo em questão. Embora tenha sido uma aula mais expositiva, iniciar com a chuva de ideias e terminar com uma atividade mais prática resultou bem. A participação e a envolvência da turma foram fundamentais para que a aula fluísse bem e a boa adesão dos alunos foi ótima, pelo que ultrapassei rapidamente o sentimento de que poderia ser uma aula maçadora.

Sinto que o tempo de aula passa sempre muito rápido e, por vezes, a questão do tempo tornou-se preocupante. No entanto, as intervenções dos alunos revelaram-se sempre tão pertinentes e assertivas que enriqueceram, sem dúvida, a aula.

No final da aula, persistiu a sensação de que havia mais para dizer, atendendo ao tempo disponível de aula. Por outro lado, encaro que as aulas tomam o próprio rumo e que, sendo a planificação fundamental, sem dúvida, as intervenções por parte dos alunos ditam uma parte da aula, pelo que têm de ser valorizadas. De facto, aquando da planificação, persiste a noção e a atenção ao tempo de diálogo que tende a surgir com os alunos. No entanto, são sempre uma incógnita e tento sempre reforçar e valorizar as intervenções.

Após a aula, concretizou-se a reunião de Núcleo, na qual as professoras estagiárias referiram que foi uma aula tranquila, planificada e organizada. Apreciaram a realização da chuva de ideias, estando ligada com a Mensagem do Papa, sendo os alunos convidados a participar. O produto final foi considerado interessante, pois a exploração dos três caminhos orientados e explorados no quadro conduziram a uma boa adesão por parte dos alunos. Concordaram que embora o documento com a Mensagem do Papa fosse extenso, foi feita uma boa seleção dos parágrafos a explorar. Apreciaram a atividade realizada intitulada *Artistas da Paz*, a qual apelou à criatividade dos alunos, deixando-os motivados e que apesar de não ter sido concluída, estava organizada e foi bem orientada.

O professor cooperante Bento Aguiar referiu que gostou da aula e foi muito bem enquadrada no Dia Mundial da Paz. A realização da chuva de ideias e a exploração da Mensagem do Papa Francisco fizeram com que atingisse os objetivos, destacando a boa adesão dos alunos. Deixou apenas como sugestão, destacando que poderia ter sido mencionado que o Papa Paulo VI viera a Portugal em 1967, ao cinquentenário das aparições de Fátima, legitimando a importância das aparições. Acrescentando, ainda, que foi um Papa com um papel importante no Concílio Ecuménico do Vaticano II.

PLANIFICAÇÃO DE AULA N.º 5

EMRC - Unidade Letiva 4: *A Paz Universal*

Lição n.º 15 (UL: 5/8) – Duração 45 minutos


Aprendizagens Essenciais: Identificar atitudes e instituições para a promoção da paz no mundo.

Ano: 7.º

Turmas: A, B, G

Data: 18/01/2022

Sumário: Conclusão da atividade da aula anterior. A importância do Prémio Nobel da Paz e alguns premiados.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa ³⁷
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento de dignidade da pessoa.	Prémios Nobel da Paz instituições de promoção da paz no mundo.	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> • PPT* • Computador/Projektor • Caderno do aluno 	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade - Pontualidade
			<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão da atividade da aula anterior: <i>Artistas da Paz</i> – Criação de um símbolo da Paz 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas A5 • Material de escrita e lápis de cor 	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse - Participação - Criatividade
			<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo sobre o surgimento e a importância da atribuição dos Prémios Nobel da Paz e destaque de alguns premiados através da construção de um mapa mental no quadro: - A cada aluno será entregue uma informação aleatória acerca de um laureado selecionado e irá ao quadro colocar no lugar onde considera correto; - Posteriormente será entregue a cada aluno o mapa mental preenchido corretamente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartões com informações dos premiados³⁸ • Mapa mental para cada aluno³⁹ 	15 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção - Participação - Pertinência - Respeito pelas opiniões
			<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão pessoal: No meu dia a dia a quem atribuiria um Nobel da Paz? (Justificar a resposta) 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartão/marcador para cada aluno⁴⁰ 	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse - Participação

Síntese de aula (5 min.): A ação de cada pessoa pode fazer a diferença no dia a dia.

Observações

* O PowerPoint acompanhará o decurso da aula.

³⁷ **Anexo I** - Grelha de registo de observação direta a utilizar ao longo da Unidade Letiva.

³⁸ **Anexo II** - Cartões com informações dos premiados com o Nobel da Paz.

³⁹ **Anexo III** – Mapa mental dos premiados, com base na informação do Manual, p. 142.

⁴⁰ **Anexo IV** – Cartão/marcador para reflexão pessoal.

A aula teve início no horário previsto, com a chegada gradual dos alunos e a recepção habitual aos mesmos, quer por mim, quer pelo meu Par Pedagógico, a professora estagiária Catarina Batista, fazendo-se sentir a boa relação que foi sendo estabelecida ao longo das aulas.

A planificação da aula foi pensada e organizada de modo a estabelecer um fio condutor adequado com a aula anterior. Assim sendo, a atividade foi retomada e concluída. Verifiquei, assim, que os que não haviam conseguido concluir ficaram entusiasmados por terem oportunidade de completar os seus símbolos. Para tal, foram-lhes entregues as folhas da aula anterior e, ainda, disponibilizei umas caixinhas de lápis de cor, de modo a aperfeiçoarem os seus desenhos.

Nesta aula tinha como objetivo abordar e explorar um pouco algumas pessoas e instituições laureadas com o Nobel da Paz. Isto porque considerei importante destacar a existência de pessoas que se dedicam e/ou dedicaram por completo à promoção e defesa da paz na sociedade e no mundo, sendo elas testemunhos reais e significativos. Deste modo, pensei na elaboração de um mapa mental, o qual os alunos teriam de o construir no quadro mediante a criação de cartões com as diferentes informações, desde fotografias e destacáveis com nomes, datas da atribuição do Nobel da Paz e os motivos das nomeações. Foram preparados cartões correspondentes ao número de alunos da turma. Por algum tempo, senti dificuldade em selecionar os laureados a apresentar, pois, tinha noção de que não teria tempo de explorar como pretendia, porque todos são importantes à sua maneira.

Aquando da lecionação, a introdução do tema conduziu a um diálogo um pouco mais prolongado do que estava previsto, por isso, atendendo ao decorrer da aula e ao tempo que me sobrava, senti necessidade de alterar um pouco a dinâmica do mapa mental. Coloquei as fotografias no centro do quadro, como havia planificado. Porém, em vez de entregar a todos um cartão com as várias informações de forma aleatória, optei por entregar somente os cartões dos nomes e dos motivos para a atribuição do Prémio, excluindo, assim, os cartões que continham as respetivas datas. Assim sendo, convidei somente quem quisesse ir ao quadro, de modo a contribuir com a elaboração do mapa mental e, junto às fotografias, teriam de dispor as informações que achassem corretas, nomeadamente o nome e o motivo.

O tempo mostrou-se escasso para a dinâmica desta aula. No entanto, considero que foram destacados os aspetos essenciais, embora sentisse que, efetivamente, a explicação das pessoas e das instituições premiadas exigia mais tempo para um maior aprofundamento. De modo a complementar com mais algumas informações, foi entregue a cada aluno o mapa mental que consta do Manual de EMRC.

Assim, ganhei algum tempo para avançar com a atividade final, a qual considerei fundamental e complementar para a aula em questão. Com a mesma pretensão que cada aluno

tentasse transportar esta importância de se fazer a paz no nosso dia a dia e identificar alguém do seu quotidiano que fosse merecedor para receber, simbolicamente, um Nobel da Paz. Para tal, foi entregue um destacável e pedido que registassem o nome da pessoa escolhida. Esta atividade integrou-se no seguimento de todos os momentos destinados ao tempo de aula intitulada *Artistas da Paz*, a qual havia acompanhado a UL, depositando um propósito final na mesma. Embora esta atividade exigisse mais algum tempo, os alunos conseguiram dar resposta ao pretendido e as dúvidas que surgiram foram rapidamente esclarecidas.

Uma vez mais, os alunos demonstraram interesse e uma boa participação na aula, implicando o cuidado a ter em reservar sempre algum tempo para o diálogo e partilha com e dos alunos. A participação voluntária dos mesmos é sempre bastante positiva e, particularmente, tento dar a atenção devida a todas as intervenções, não esquecendo o facto de a turma ser constituída por um número de alunos considerável. Daí, por vezes, sentir que em determinadas atividades seria necessário mais algum tempo. Perante isto, a aula terminou com uma apressada síntese final, mas foi perceptível que a mensagem principal ficou interiorizada.

Considero que a aula foi positiva. Quanto à concretização da planificação, embora tenha sofrido uma ligeira alteração, considero que o objetivo a que me propus foi conseguido, com o respetivo destaque dos aspetos que considere mais relevantes, com plena noção de que havia muita informação. No entanto, tentei sintetizar o melhor possível. A criação do material para ser utilizado em aula teve todo o propósito de transmitir o que pretendia de forma dinâmica, tentando ser assertiva o melhor possível.

Aquando da reflexão em reunião de Núcleo foram tecidos alguns comentários por parte das colegas estagiárias, as quais começaram por concordar que a aula lecionada foi bem pensada, planificada e orientada e foi importante terminar a atividade da aula anterior. Quanto ao mapa mental, consideraram que fomentou a interação com os alunos, motivando-os e cativando-os para os temas abordados na aula e por facilitar o conhecimento de personalidades e respetivas vidas, tratando-se de uma dinâmica muito rica em conteúdos e interessante, colocando os alunos como os principais intervenientes. Consideraram relevante ter sido entregue aos alunos um quadro resumo sobre a vida de cada personalidade para colarem no caderno. A atividade implementada no final da aula foi destacada positivamente, pois permitiu que os alunos refletissem sobre as pessoas que têm ao seu redor e considerarem dignas de serem premiadas com um prémio Nobel da Paz. Concordaram ter sido uma aula dinâmica e positiva.

O professor cooperante Bento Aguiar referiu que foi estabelecida uma boa ligação com a aula anterior. Reforçou que a atividade de criação do símbolo da paz foi uma estratégia muito interessante. Fomentou a criatividade nos alunos, dando-lhes espaço para se expressarem e exprimirem a sua perspetiva. Nesta linha, destacou a importância de ter sido estipulado um

tempo limite para a conclusão da atividade, de modo a não perder o sentido total da aula. Posteriormente, mencionou ter observado uma boa explicação dos símbolos da paz, uma análise simples, mas, simultaneamente, determinada. No que concerne ao prémio Nobel da Paz, considerou ter sido feita uma boa contextualização sobre a origem dos prémios Nobel da Paz e um bom enquadramento para a faixa etária dos alunos. No entanto, considerou que, se houvesse a possibilidade de despende mais algum tempo para esta atividade, seria interessante explorar alguma das personalidades patenteadas, talvez alguma até mais próxima dos alunos, bem como as importantes organizações apresentadas. Por fim, referiu que a aula foi bem conseguida, os objetivos foram atingidos e os alunos participaram com motivação. No decurso da aula observou-se serenidade, atribuindo-lhe um balanço final muito positivo.

PLANIFICAÇÃO DE AULA N.º 6

EMRC - Unidade Letiva 4: A Paz Universal

Lição n.º 16 (UL: 6/8) – Duração 45 minutos


Aprendizagens Essenciais: Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.

Ano: 7.º

Turmas: A, B, G

Data: 25/01/2022

Sumário: A importância do Dia Escolar da Não Violência e da Paz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	 Avaliação Formativa ⁴¹	
D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.	Regras de ouro, transversal aos vários credos: - Faz aos outros o que queres que te façam. Contributos dos cidadãos para a construção da paz.	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> • PPT* • Computador/Projetor • Caderno do aluno 	5 min.	- Assiduidade - Pontualidade
			<ul style="list-style-type: none"> • Visualização de um vídeo alusivo ao Dia Escolar da Não Violência e da Paz (criação própria⁴²) e diálogo com os alunos através de quatro peças de <i>puzzle</i> com informações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador/Projetor/Colunas • 4 peças de <i>puzzle</i> 	15 min.	- Empenho e interesse - Participação
			<ul style="list-style-type: none"> • Atividade dos Artistas da Paz** – Realização de uma votação dos símbolos criados pelos alunos⁴³ - Elaboração de peças e construção de <i>puzzle</i> com mensagens para a promoção da paz com base na questão: <i>O que é preciso para haver PAZ na nossa ESCOLA?</i>⁴⁴ 	<ul style="list-style-type: none"> • Peças de <i>puzzle</i> brancas para a turma • Peças extras de cores variadas • Material de escrita e de colorir • Caixa com pontas de feltro • Papel de cenário • Fita-cola dupla face • Pioneses 	15 min.	- Atenção - Participação - Pertinência - Respeito pelas opiniões

Síntese de aula (5 min.): Somos todos responsáveis por uma convivência saudável na Escola.

Observações

* O PowerPoint acompanhará o decurso da aula.

** A atividade será exposta no exterior da sala para visualização e, também, contribuição da comunidade escolar.

⁴¹ **Anexo I** - Grelha de registo de observação direta a utilizar ao longo da Unidade Letiva.

⁴² O vídeo poderá ser visualizado através do seguinte link [Dia Escolar da Não Violência e da Paz 2020 AnaAbelha](#).

⁴³ **Anexo II** – Símbolos criados e concluídos na aula anterior,

⁴⁴ **Anexo III** – Peças de *puzzle*.

A planificação da presente aula foi traçada conforme a data alusiva ao tema abordado, com destaque para o dia 30 de janeiro que assinala, particularmente, o Dia Escolar da Não Violência e da Paz. Considerei pertinente a abordagem antecipada do dia em questão, dado que iria acontecer no final de semana. Assim sendo, para esta aula projetei alertar a importância das nossas atitudes para a boa convivência no meio escolar, apelando para uma educação da paz no meio escolar, em que cada um é peça fundamental para a constituição da Escola no seu todo.

Nesta aula houve a participação observante, por via videoconferência, do docente coordenador da Faculdade de Teologia, da Universidade Católica Portuguesa, Doutor Juan Ambrosio. Tal facto, com todo o aparato da preparação da sala com os meios informáticos necessários para transmissão da aula, fez com que a entrada dos alunos se revelasse curiosa e, simultaneamente, um pouco agitada. No entanto, não tardou a turma a recompor-se e assumir o comportamento adequado que havia manifestado nas aulas anteriores.

Dando início à aula, o sumário foi projetado com o recurso ao PowerPoint, sendo esta uma estratégia que se revelou, de facto, bastante prática em questão de tempo. Seguidamente, foram enquadrados o objetivo da aula e a consecutiva exploração.

Quanto à organização e preparação desta aula, considerei ser importante iniciar por uma abordagem explicativa, destacando os aspetos mais relevantes e, conseqüentemente, complementar a mesma com uma dinâmica simbólica, mediante o diálogo e a reflexão do que é preciso para haver, efetivamente, um ambiente de paz em contexto escolar. Embora a promoção contra o *bullying* seja debatida com frequência nas escolas, considero ser uma necessidade constante, dado que há várias categorias de violência que continuam a manifestar-se no meio escolar. Neste sentido, a estratégia aplicada e toda a exploração e simbolismo em torno das peças de *puzzle* tiveram a pretensão de passar uma mensagem de que cada um é uma peça fundamental mediante a sua presença e ação perante os restantes membros da Escola.

A exploração do tema da aula teve início com a visualização de um vídeo alusivo ao tema, sendo de produção própria, e a procura de peças de *puzzle* debaixo das mesas revelou-se interessante, pois cada uma conduzia à mensagem principal. Durante a lecionação da aula, novamente, verificou-se uma boa participação dos alunos. De facto, era uma turma que manifestava gosto de participar ao longo da aula, apresentando bastante iniciativa própria e uma boa interação. Porém, por momentos, continuei a sentir uma certa apreensão por parte de alguns alunos, talvez por se sentirem, de certa forma, ainda, inibidos devido à junção das três turmas e/ou pela natureza da própria aula, isto é, por estar a ser transmitida em videochamada.

A exposição dos desenhos produzidos pelos alunos, na aula anterior, no meu entender, foi um momento interessante, pois tive a perceção de que os alunos sentiram que os seus trabalhos foram valorizados. Estes tinham, ainda, uma finalidade: complementar um mural, o

qual foi elaborado posteriormente. Assim, para a concretização da atividade final, a elaboração do mural alusivo ao Dia Escolar da Não Violência e da Paz, cada aluno recebeu uma peça de *puzzle*, escrevendo e decorando livremente. Deste modo, cada um contribuiu para a montagem do *puzzle*, o qual foi exposto num placar fora da sala após o término da aula.

A aula foi dinâmica e a planificação da aula foi cumprida. Durante a aula, tentei sempre dar a atenção devida às intervenções dos alunos. As dinâmicas foram acolhidas e realizadas pelos alunos com interesse e empenho e continuaram a revelar uma boa participação. A aula foi concluída com uma breve síntese final e após a lecionação, durante o intervalo, procedeu-se à montagem do mural com o apoio da professora estagiária Catarina Batista. O mural esteve exposto durante duas semanas. Junto ao mural foi colocada uma caixa com várias peças de *puzzle* e de cores variadas para que outros alunos dessem continuação à construção do mesmo.

Seguidamente foi realizada uma reflexão em reunião de Núcleo, na qual se registaram os seguintes comentários por parte das colegas estagiárias. As mesmas concordaram que foi mantido um bom fio condutor no percurso traçado, tendo sido uma aula que foi muito bem organizada, planeada e orientada, demonstrando plena noção do que se pretendia desenvolver, decorrendo tranquilamente. Destacaram o vídeo apresentado, com um recurso positivo, e a dinâmica que se desenvolveu em torno de peças de um *puzzle*, com várias mensagens, tornando a aula dinâmica e interativa, com uma boa participação dos alunos, transmitindo uma mensagem pertinente e essencial em torno do Dia Escolar da Não Violência e da Paz. Destacaram a originalidade na abordagem do tema e valorizaram o destaque que a professora atribuiu aos trabalhos/símbolos da paz criados pelos alunos e respetiva exposição.

O professor coordenador Juan Ambrosio considerou que correu bem, apontando os pontos fortes, bem como os aspetos a melhorar. Neste sentido, começou por considerar ter sido uma ideia muito feliz, adequada e relevante abordar o Dia Escolar da Não Violência e da Paz, revelando-se uma boa opção. Referiu que a primeira parte da aula demonstrou ser mais centrada na professora, sendo normal que assim o fosse, por se tratar do enquadramento do tema. Quanto à segunda parte da aula, considerou interessante, salientando a importância de ter sido valorizado o trabalho dos alunos. Observou que as duas partes da aula foram equilibradas e necessárias. Salientou, ainda, o à-vontade da professora na sua relação pedagógica com os alunos, perante as várias intervenções dos alunos, manifestando, assim, uma ótima relação e uma interação bastante positiva. Mencionou que gostou do vídeo apresentado, sendo ele pensado, o que fez todo o sentido ter sido recuperado, entendendo-o como uma boa peça para aula. Destacou o facto de, no final da visualização, ter sido questionado, e bem, aos alunos o que lhes chamou mais a atenção. No entanto, poderia ter sido feito o alerta para o que deveriam

procurar no vídeo antes de o visualizarem, facilitando, assim, o olhar dos alunos. Acrescentou que se revelou interessante pelo facto de ter sido uma produção própria da professora.

Destacou, ainda, de uma forma bastante positiva o modo como a regra de ouro foi mencionada, sendo a mesma apresentada pela positiva, ou seja, “Faz aos outros o que queres que te façam a ti!”, considerando ser a maneira mais correta. Chamou a atenção, ainda, para a seguinte afirmação: “O livro popular mais conhecido do mundo, a Bíblia.”, alertando ser uma afirmação que deve ser evitada.

Relativamente à dinâmica das peças de *puzzle* debaixo da mesa, considerou muito interessante, sendo que cada peça contribuía para a ideia geral. Atentou, ainda, que o ponto mais alto da aula, dado que a mesma decorreu à volta do *puzzle*, foi ter sido afirmado que todos eram peças importantes na Escola. Referiu ter sido uma ideia muito feliz proporcionar uma caixa com peças para que outros alunos possam participar na construção do mural, envolvendo a comunidade escolar e fazendo da disciplina de EMRC um motor de dinâmica que destaca este dia. Terminou a sua observação parabenizando a professora estagiária, pois considerou ter sido uma aula muito bem conseguida.

PLANIFICAÇÃO DE AULA N.º 7

EMRC - Unidade Letiva 4: A Paz Universal

Lição n.º 17 (UL: 7/8) – Duração 45 minutos


Aprendizagens Essenciais: Valorizar a Paz como elemento essencial da identidade cristã.
Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.

Ano: 7.º

Turmas: A, B, G

Data: 01/02/2022

Sumário: Valores essenciais para a construção da paz e promoção do bem comum.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa ⁴⁵
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentais para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	Diálogo, respeito, verdade, justiça, perdão e reconciliação.	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> • PPT* • Computador/Projetor • Caderno do aluno 	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade - Pontualidade
			<ul style="list-style-type: none"> • Visualização/leitura e exploração de três notícias alusivas a valores essenciais para a construção da paz: diálogo, respeito, verdade, justiça, perdão e reconciliação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Projetor • Colunas 	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção - Participação - Pertinência - Respeito pelas opiniões
			<ul style="list-style-type: none"> • Atividade de consolidação de conhecimentos d' Os Artistas da Paz – Elaboração de página de jornal - Após a exploração das notícias, para cada uma, os alunos deverão registar: as causas; os valores inerentes e as possíveis soluções para a construção da paz; - Como complemento da atividade, cada aluno receberá um destacável/marcador em branco e deverá criar um <i>slogan</i> alusivo ao tema. 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha de jornal elaborada pela professora⁴⁶ • Destacáveis/marcadores em branco 	20 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção e empenho - Participação - Pertinência

Proposta de síntese de aula (5 min.):** Os valores são essenciais para a construção da paz.

Observações

* O PowerPoint acompanhará o decurso da aula.

** Alguns *slogans* poderão ser lidos como síntese final de aula.

⁴⁵ **Anexo I** - Grelha de registo de observação direta a utilizar ao longo da Unidade Letiva.

⁴⁶ **Anexo II** – Folha de jornal – atividade de consolidação de conhecimentos.

A planificação da aula foi pensada em proximidade da conclusão da leção da UL, pelo que o início da aula tratar-se-ia de uma pequena exploração/exposição dos valores essenciais para a construção da paz, complementando com notícias de diferentes contextos, desde o particular até ao geral. Desta forma, incluir, ainda, um momento de consolidação de conhecimentos da UL, criando uma oportunidade de visitar tudo o que já havia sido abordado nas aulas anteriores.

Para tal, optei por selecionar três notícias diferentes, tomando o formato de página de jornal, nas quais os alunos deveriam identificar as causas, os valores inerentes e as possíveis soluções para a construção da paz relativamente a cada notícia apresentada na aula.

Relativamente à leção da aula, a mesma iniciou-se, tranquilamente, com o acolhimento dos alunos e registo do sumário à semelhança das aulas anteriores. Embora a aula tenha iniciado com uma abordagem mais expositiva e um diálogo mais prolongado, fiquei com a perceção de que os alunos refletiram acerca dos valores abordados e sobre o que ouviram, apresentando uma participação positiva. Contudo, ainda sentia uma certa inibição por parte de alguns alunos.

Após a abordagem aos valores e a leitura e a exploração das notícias, as quais excederam um pouco o tempo estimado, foi explicado como deveriam preencher a página de jornal. Embora estivesse convencida de que seria perceptível aos alunos, surgiram algumas dúvidas, as quais levaram a um reforço na explicação. Aquando da preparação da respetiva página ocorreu-me que, possivelmente, alguns alunos poderiam não conseguir concluir a atividade. De facto, perante algumas dificuldades e indecisões, alguns alunos demoraram mais tempo a registar as suas respostas. Perante este atraso, já não foi entregue o destacável contemplado na planificação, que serviria como complemento à última tarefa da página de jornal. Posto isto, a atividade ficou de ser retomada e concluída na próxima aula.

Posteriormente, na reunião de Núcleo, foram registados os comentários das professoras estagiárias relativamente à aula lecionada. Assim, concordaram que, embora se tratasse de uma aula mais expositiva, fora enriquecedora. Houve uma boa contextualização e explicação dos valores, valorizando os exemplos dados para que os alunos compreendessem o que era transmitido, proporcionando um bom diálogo entre os alunos e a professora. Consideraram a estratégia da página do jornal, com notícias atuais, interessante e original, aplicada para a concretização de atividade prática, embora tenha sido sugerido que a mesma, também, poderia ser utilizada desde o início da aula, podendo explorar desde logo as notícias e ir respondendo às questões.

O professor cooperante Bento Aguiar destacou a excelente introdução e o encadeamento sobre ideias e exemplos de valores para a construção da paz. A aula foi mais expositiva, mas

necessária para proceder a um balanço final às aulas sobre a Paz. Referiu não haver nenhum problema de, por vezes, haver uma aula mais direcionada para a teoria, acrescentando o facto positivo de ter conduzido a temática para a vida dos alunos. Salientou a boa definição não só da Paz mas também da reconciliação, salvaguardando este conceito e o que subentende, pois, perdoar, muitas vezes, pode ser mais fácil do que o restabelecer de relações e a sua reconciliação. Relativamente à estratégia das três notícias do jornal, considerou que vieram muito a propósito, partindo do particular, neste caso, da escola para situações mais gerais. Em geral, considerou a aula serena e bem conseguida, cujos objetivos haviam sido atingidos.

PLANIFICAÇÃO DE AULA N.º 8

EMRC - Unidade Letiva 4: *A Paz Universal*

Lição n.º 18 (UL: 8/8) – Duração 45 minutos


Aprendizagens Essenciais: Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.

Ano: 7.º

Turmas: A, B, G

Data: 08/02/2022

Sumário: Conclusão da atividade da aula anterior. Mensagem cristã sobre a paz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa ⁴⁷
D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz colaboração entre os povos.	6. Identificar o papel das religiões na construção a paz em situações vitais do quotidiano.	Contributos que todos podem dar para a construção da paz.	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Sumário 	<ul style="list-style-type: none"> • PPT* • Computador/Projetor • Caderno do aluno 	5 min.	- Assiduidade - Pontualidade
			<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão da atividade de consolidação de conhecimentos dos <i>Artistas da Paz</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha de jornal 	10 min.	- Atenção - Participação - Pertinência
			<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e exploração da Oração de São Francisco: <i>Senhor, fazei de mim um instrumento da tua paz</i> - Destaque de palavras-chave: amor, perdão, verdade, esperança; - Todos sonham com uma existência plena de felicidade, paz e harmonia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartão com a Oração de São Francisco para cada aluno⁴⁸ 	10 min.	- Atenção e empenho - Participação - Pertinência
			<ul style="list-style-type: none"> • Visualização de vídeo – Mensagem sobre a Paz de um dos Nomeados aquando da atividade dos <i>Artistas da Paz</i> na aula n.º 15 (enviado pela pessoa nomeada); • Entrega de símbolo de conclusão da Unidade Letiva - conjunto de marcadores elaborados ao longo da UL aquando das dinâmicas intituladas <i>Artistas da Paz</i> e significado do mesmo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vídeo de uma pessoa nomeada na atividade da aula n.º 15 • Conjunto de marcadores para cada aluno⁴⁹ 	15 min.	
Proposta de síntese de aula** (5 min.): Todos trabalham para a construção da paz e desejam uma vida de felicidade e harmonia.						

Observações

* O PowerPoint acompanhará o decurso da aula.

⁴⁷ Anexo I - Grelha de registo de observação direta a utilizar ao longo da Unidade Letiva.

⁴⁸ Anexo II – Cartão com Oração de São Francisco.

⁴⁹ Anexo III – Conjunto de marcadores – Símbolo da UL.

A planificação da presente aula tinha de contemplar um momento inicial para a conclusão da atividade da aula anterior. Tratando-se, pois, da última aula da UL, pretendia concluir com a ideia de que todos somos convidados a ser construtores/instrumentos de paz nos nossos meios envolventes. Para tal, utilizei a conhecida Oração de São Francisco, *Senhor, fazei de mim um instrumento da tua paz*, tendo sido entregue um cartão com a respetiva oração a cada aluno. Sendo a última aula da UL, o objetivo seria a entrega de um conjunto de marcadores de livros a cada aluno, os quais foram sendo construídos ao longo das aulas, aquando das atividades concretizadas no momento dos *Artistas da Paz*.

Quanto à lecionação da aula, a mesma teve início como tem sido habitual, de forma tranquila e organizada. Alguns alunos já questionavam se íamos terminar a atividade da semana anterior, outros até já se haviam esquecido, o que é normal, tendo passado uma semana desde a última aula. Assim, a atividade foi retomada, mas devido ao fator temporal da aula, os alunos mostraram esquecimento acerca das notícias que haviam sido apresentadas na aula anterior, daí terem surgido mais algumas dúvidas. Naquele momento, senti que, realmente, a página de jornal deveria ter sido elaborada de forma mais completa, ou seja, deveria ter contemplado as notícias na íntegra ou uma síntese, o que não aconteceu, porque as mesmas foram apresentadas com recurso ao PowerPoint, salvaguardando esta retoma de atividade na aula subsequente. Contudo, circulei pela sala, esclarecendo as dúvidas ou relembrando as notícias aos alunos. O meu par pedagógico, a professora estagiária Catarina Batista, logo se disponibilizou, também, para esclarecer algumas das dúvidas dos alunos, para conseguirem concluir a atividade, embora tivesse sido necessário mais algum tempo do que estimava na planificação.

Perante o exposto e ao controlo do tempo que já escasseava, acabei por ter menos tempo para a abordagem a São Francisco e ao seu poema. Em todo o caso, decidi proceder à leitura do poema, realizada pelos alunos, e ao destaque de algumas das palavras consideradas importantes em jeito de conclusão. Isto porque tencionava que os alunos ouvissem, ainda, uma mensagem/testemunho de uma das pessoas que havia sido referida aquando da atividade dos *Artistas da Paz* sobre o Prémio Nobel da Paz e proceder à entrega do conjunto de marcadores de livros. O resultado destes dois últimos momentos complementou a conclusão da UL, pois a intenção foi a de, também, valorizar todo o trabalho realizado pelos alunos nas diferentes aulas.

Concluir a UL com a entrega dos marcadores foi interessante e gratificante, porque foi possível verificar, nos alunos, entusiasmo pelo resultado. Terminei a aula estabelecendo uma analogia dos marcadores com os momentos importantes que marcam a vida de cada um e sejam os alunos os próprios marcadores e construtores da Paz no mundo, concluindo com a síntese da aula.

Foi uma aula positiva, tendo sido cumprida a planificação. Perante os vários momentos da aula, tentei sempre dar a atenção devida às intervenções/dúvidas dos alunos. Verifiquei que a dinâmica de sala de aula foi bem acolhida pelos alunos com interesse, empenho e com uma participação bastante positiva.

Posteriormente, foi realizada uma reflexão em reunião do Núcleo. As professoras estagiárias começaram por valorizar a retoma e conclusão da atividade da aula anterior e o facto de a professora estar disponível a circular pela sala para apoiar e esclarecer as dúvidas apresentadas. Mencionaram que a aula foi bastante tranquila e completa, com materiais muito apelativos e com mensagens relevantes. Apreciaram as estratégias utilizadas ao longo da aula, como a apresentação de um testemunho que foi fruto de uma atividade anterior, a abordagem à vida com sentido de São Francisco de Assis, elemento enriquecedor à aula e ao desenvolvimento da UL. Por último, foi sublinhada a originalidade com que toda a UL foi abordada e concretizada. Valorizaram a entrega da recordação de final da UL, resultado da compilação de trabalhos realizados pelos alunos, no âmbito das atividades dos *Artistas da Paz*, em formato de separadores de livros.

O professor cooperante Bento Aguiar considerou a aula como uma síntese da Unidade, com uma sucessão e um encadeamento de estratégias que foram sendo utilizadas em toda a UL. Enalteceu a importância de disponibilizar aos alunos aquilo que foi o fruto do seu trabalho. Realçou, também, a exposição do cartaz do Dia Escolar da Não Violência e da Paz no exterior da sala que possibilitou à comunidade educativa compreender o trabalho realizado em aula e, conseqüentemente, do grupo disciplinar de EMRC. Parabenizou, ainda, pela serenidade e encadeamento da lecionação de toda a UL. Acrescentou que, por momentos, no que concerne a São Francisco de Assis, a professora ficou um pouco apreensiva, porque apesar de dizer o fundamental, poderia ter aprofundado um pouco mais.

2.4. Reflexão global da prática letiva

Muitos foram os pensamentos e as emoções quando demos início à Prática de Ensino Supervisionada, com expectativas, mas ainda com muitas incertezas no que estava por vir. Contudo, após a conclusão da prática letiva, foi bom sentir que a missão havia sido, efetivamente, cumprida. Para tal, considero ter sido fundamental ser humilde mediante a observação, a escuta e a aceitação de cada palavra, crítica, sugestão e/ou elogio tecidos a propósito de cada aula lecionada. Nunca esquecendo de que tudo o que seria planejado poderia ser alvo de imprevistos e que, certamente, serviria para me pôr à prova e capacitar-me para enfrentar os desafios da melhor maneira possível. Sem dúvida, este foi um tempo de contínuos esforços e sacrifícios, a nível pessoal, familiar e profissional, mas também de significativas aprendizagens que contribuíram e, seguramente, irão continuar a contribuir para o meu desempenho docente.

A realização da PES proporcionou, de facto, um tempo de aprendizagem, atualização e aplicação daquilo que foi sendo adquirido ao longo do Mestrado em Ciências Religiosas (MCR). Esta foi uma etapa que não finda aqui, pelo contrário, abre portas para um contínuo aperfeiçoamento, pois o conhecimento e a vontade de fazer cada vez mais e melhor não pode estagnar. É certo que a concretização da PES se tornou um processo necessário e essencial para a minha aprendizagem, empenho e desempenho nas diversas dimensões. Encaro como uma experiência gratificante que possibilitou observar e ouvir, bem como a adequar e a aplicar os conhecimentos adquiridos e as minhas próprias capacidades o melhor possível conforme a minha disponibilidade e as limitações. É certo que, por momentos, fui invadida por emoções e sentimentos positivos, mas também menos positivos, mas que, simultaneamente, me ajudaram a ultrapassar tudo aquilo que sentia poder não conseguir atingir.

Relativamente à lecionação da Unidade Letiva 4, *A Paz Universal*, na exploração da temática em sala de aula, ao longo das aulas, foi possível verificar que os alunos se encontram sensibilizados para esta necessidade fundamental que é, precisamente, construir relações pacíficas e de paz. Com esta UL pretendia, naturalmente, abordar os conteúdos propostos no *Programa de EMRC*. Visava promover a reflexão, destacar a relevância dos valores e atitudes, reforçar a importância de nos comprometermos com os meios em que nos inserimos e com as pessoas que nos rodeiam, bem como sensibilizar para o cuidado do Outro, valorizando o encontro, o diálogo, a empatia, o respeito.

Seguindo esta lógica, a necessidade de promover algo que sensibilizasse os alunos para a aceitação e a relação com os Outros, no âmbito da abordagem da paz, enquadrou-se, perfeitamente, na alteração da ordem de lecionação das Unidades Letivas, pelo que considero ter sido pertinente a minha Unidade de Referência, *A Paz Universal*, ter sido alterada para

segunda UL ser lecionada. A exploração da UL, de certa forma, foi facilitada pelo facto de fazer com que a leção coincidissem com algumas das datas alusivas ao tema da paz, tornando-se, manifestamente, bastante apropriado e enquadrado com o decorrer da Semana dos Direitos Humanos na Escola, a festa de Natal, o Dia Mundial da Paz e o Dia Escolar da Não Violência e da Paz. Sem dúvida, tratou-se de datas que enriqueceram a exploração concretizada em torno do tema da paz, cujas mensagens provocaram a reflexão em relação ao contributo que cada um poderia dar e para o bem-estar do próximo. Desta forma, a articulação de datas e temas mostrou-se bastante enriquecedora, abrindo a possibilidade de conciliar com atividades que promovessem a reflexão e um convite a ações concretas.

Não poderia deixar de referir que a leção da referida UL teve início ainda antes da guerra espolatar, nomeadamente entre a Rússia e a Ucrânia. Naturalmente, alguns alunos começaram a questionar e a expor as suas preocupações e perspetivas, momentos estes que possibilitaram detetar que estavam despertos e preocupados com a situação da atualidade. Pronunciaram-se, revelando incompreensão e desagrado perante tais atos que prometiam conflitos de maior dimensão, fazendo-se sentir o desejo de se erguer um clima pacífico. Sem grande delonga, começou-se a vivenciar uma situação que contrariava a tão desejada empatia, compreensão, diálogo e respeito a ter com os outros. Perante tudo isto, gerou-se uma certa incredulidade, visto que após uma época pandémica, cuja experiência se mostrou fortemente severa, na qual todos fomos alvo de confinamento e distanciamento, reavivando a importância do (re)encontro e do diálogo.

A elaboração de todas as reflexões após a prática letiva de cada aula conduziu à reflexão em torno das observações realizadas pelo Núcleo da PES, estimulou a delinear ideias e a ponderar nas várias decisões a tomar, desejando ser cada vez mais objetiva e assertiva nas planificações subsequentes. Proporcionou, ainda, a apreciação e a avaliação do comportamento e da evolução dos alunos, tentando ir ao encontro das suas necessidades, sem descurar da mensagem essencial.

Ao longo das aulas, particularmente, surgiram questões acerca da Paz Universal. Como é possível promover atitudes que conduzem à paz através de um diálogo sincero e da capacidade de perdoar o outro? Como é possível que depois de tantas privações continuar a haver tanta incompreensão, indiferença, ódio e discriminação? Neste sentido, a própria leção proporcionou um confronto com os objetivos que a própria temática nos impele. Não se trata somente de não haver conflitos e violência nas várias dimensões da vida das pessoas, mas evidenciar a necessidade e a urgência de se adotar atitudes e comprometer com ações concretas para que, efetivamente, nos nossos dias seja possível promover um ambiente pacífico e agradável de se viver, bem como um diálogo sincero com todos. É, de facto, uma temática que

nos apela à responsabilidade de cada um e nos propõe fazer algo novo. Cada pessoa poderá assumir, assim, uma postura de agentes de mudança pela positiva, de forma específica no dia a dia e, particularmente, os alunos no meio escolar, assumindo atitudes que permitam erradicar a conflitualidade que possa surgir no nosso quotidiano. Naturalmente, são preocupações que colocam a pessoa no âmago da questão porque para construir, manter e preservar a paz depende da ação de cada um de nós.

CAPÍTULO 2 – A URGÊNCIA DO DIÁLOGO NO CAMINHO PARA A PAZ

«Toda a verdadeira vida é encontro.»⁵⁰

1. A *relação* como expressão ontológica do amor de Deus

A *relação* tornou-se, de facto, um objeto de estudo de interesse, pelo que, despontando de uma abordagem filosófica grega e problematizada, também, por filósofos cristãos, a dimensão da pessoa ganhou novos contornos e fundamentos a partir da observação atenta do exercício da ação.

A *relação* traz consigo um apelo à comunicação, ligação e interação, cujo encontro implica e se concretiza a partir da necessidade de dar uma resposta ao outro. É uma *relação* que se corporaliza por meio do amor, da entrega, da empatia. Daí considerar que o encontro e o diálogo são elementos essenciais neste exercício de ação humana, cujo encontro e efetiva *relação* exigem presença, responsabilidade e compromisso.

1.1. Noção de *relação* na tradição judaico-cristã

Segundo Joaquim Cerqueira Gonçalves, o destaque que foi sendo atribuído à noção de *relação* ganhou relevância por «se inscrever no cerne de toda a filosofia, além de outros fatores que culturalmente estimularam o seu desenvolvimento»⁵¹. A noção de *relação* começou por ser considerada uma categoria com Aristóteles e, na Idade Média, foi transportada para o pensamento cristão, visto que a vivência religiosa e a dimensão do amor na religião cristã são características da *relação*, a qual espelha o estilo cristão de existência.

Deste modo, o sentido de *relação* é interpretado a partir de uma nova proporção ontológica. De facto, associando a filosofia e a teologia, numa perspetiva judaico-cristã, a *relação* encontra-se interligada ao dinamismo do ser, cuja manifestação tem por base a dimensão do amor, superando, assim, a perspetiva aristotélica. Neste sentido, para a filosofia cristã, a *relação* não se reduz à Unidade, anulando o Múltiplo, mas é entendida como a expressão livre do Uno que se abre ao Múltiplo.⁵² Portanto, para compreendermos o contributo da tradição judaico-cristã no desenvolvimento do conceito de *relação*, entramos em diálogo com Joaquim Cerqueira Gonçalves que não a entende como uma forma imperfeita e provisória que se extinguirá na mesmidade da pura Unidade, mas compreende como um atributo de

⁵⁰ Martin Buber, *Eu e Tu*. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2014), 15.

⁵¹ Joaquim Cerqueira Gonçalves, «Filosofia e Relação. Interpretação cristã da categoria filosófica grega», *Itinerâncias de Escrita*, Volume II - Hermenêutica/Filosofia (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013), 272;

⁵² Cf. Gonçalves, 272-273.

perfeição do próprio ser de Deus que se comunica pela criação da diversidade como expressão do seu amor. Aqui destaca-se uma *relação* que se situa no plano ontológico, na dinâmica da manifestação do próprio ser e não somente no movimento de redução e regresso à Unidade.⁵³ Assim, entendendo a *relação* como uma categoria ontológica, a mesma manifesta-se na relação dinâmica interpessoal, a qual torna-se imprescindível, precisamente, porque resulta da interação entre as pessoas, resultado da conexão estabelecida com o Outro, a qual desperta interesse e interpela e exige uma resposta, ou seja, ação. Embora se defina que a cultura é produto da ação do ser humano, a mesma revela-se condicionante, visto que é, igualmente, influenciada pelas várias experiências da sociedade.

Salienta-se, assim, que associado à *relação*, destaca-se, efetivamente, o amor. Na filosofia grega, o amor associa-se ao plano do movimento e, também, à imperfeição. No que lhe concerne, o sentido cristão do amor aponta para o sentido de perfeição e assume uma atitude radical de *relação*, contrariando a perspectiva dos gregos que entendiam que a relação era sempre imperfeita. Deste modo, é mediante o amor cristão que o modelo ontológico se manifesta na relação de cariz generoso. Assim, vemos em Cerqueira Gonçalves que Deus-Amor é «sobretudo causa eficiente de comunicação, de transmissão de ser, em gesto de total generosidade.»⁵⁴

A relação, enquanto categoria lógica ou física, mas que se destaca para um sentido de categoria ontológica que manifesta toda a dinâmica do ser, assume uma estrutura divina trinitária que contempla a relação de pessoas, implicando a participação de todos na manifestação de Deus.⁵⁵ Neste sentido, pode-se entender que a experiência da Unidade e do Múltiplo é um encontro com o ser, como aquele que é, que ama e que age, assumindo, assim, uma maneira de estar no mundo. É uma Unidade que dá conta de uma relação envolta na multiplicidade do ser, cujo papel não é somente o de interagir mas também é o de compreender e unir. Portanto, a relação impulsiona o ser humano a *ser* e não apenas a apresentar-se enquanto ser que é interpelado por uma relação.

Este propósito interpela para a expressão e manifestação que, numa perspectiva cristã, é patenteada na revelação de Deus ao seu povo, mostrando que, na história do ser humano, a relação e a comunhão com Deus acontece pela sua iniciativa amorosa. Segundo Cerqueira Gonçalves, a transcendência absoluta manifesta-se na dinâmica livre do amor, cuja realidade é real e pessoal e que se sucede num diálogo íntimo entre o homem e Deus. Assim, toda a criação

⁵³ Cf. Gonçalves, «Filosofia e Relação», 276;

⁵⁴ Gonçalves, 278-279.

⁵⁵ Cf. Samuel Dimas, «A correlação entre filosofia e teologia, razão e fé, na Metafísica da Manifestação de Joaquim Cerqueira Gonçalves», *Ephata*, 3, n.º 1 (2021): 152, acedido a 5 de setembro de 2022, <https://doi.org/10.34632/ephata.2021.9053>.

emerge da vontade livre de Deus, entendendo o mundo como um bem que não é redutível a Deus e ao homem. Portanto, a criação é algo que se encontra constantemente sujeita a mutações, visto que a diversidade material e corpórea são valorizadas pela participação de todos na criação, marcada pela individualidade existencial através da diversidade cultural.⁵⁶

A manifestação da Criação legitima o convívio e a comunhão em contraposição com uma perspectiva de domínio. Assim refere Samuel Dimas:

A transcendência é o único reduto da ontologia da ação e da manifestação, assente na revelação cristã de Deus trinitário e o seu ver é de dizer existências e de singulares no universo infinito, isto é, uma unidade em constante dinamismo de diferenciação que é de um pessoal de amor no acolhimento da experiência humana pela mediação histórica do mundo e da cultura.⁵⁷

Pois bem, habitar o mundo corresponde a um dom e a uma procura. A aliança surge na Escritura como símbolo da relação de Deus com o homem. Deus revela-se, agindo. De facto, o seu falar e o seu agir estão ligados a uma decisão livre, incondicional e gratuita. A gratuidade do seu dom é fundamento da exigência moral, logo, propõe uma responsabilidade de resposta a Deus. Este conhecimento de Deus está interligado com o conhecimento do homem, da história e, também, do futuro, o que significa que a história da salvação é a nossa história humana. A procura intencional de Deus proporciona a conceção de uma relação fraterna, cuja união concebe a família humana, uma terra de comunhão, partindo da premissa de que a relação estabelecida com Deus impulsiona a relação com os outros.

É neste sentido que sobressai o convite realizado pela pessoa de Jesus Cristo manifesto na Bíblia Sagrada: «[...] Amai os vossos inimigos [...]» (Mt 5, 44). Esta relação com o Outro baseia-se, não somente, na experiência moral mas também na experiência de fé, dado que a existência de cada pessoa constitui uma história única, orientada, quer pelo bem como pelo mal. No fundo, trata-se de um apelo ao perdão, à capacidade de ultrapassar as experiências e sentimentos menos bons, valorizando o amor em contraposição ao ódio.

Segundo Armindo Vaz, o pecado é uma separação e afastamento de Deus que acontece porque há um compromisso e dom de Deus e há uma orientação para Deus conforme a aliança estabelecida. Assim, o pecado descrito no Livro do Génesis surge como um exemplo de uma rutura de comunhão, resultado de uma escolha da própria pessoa, cuja consequência se concretiza na rutura de relação com Deus. Entende-se, assim, que o pecado teológico é um

⁵⁶ Cf. Dimas, «A correlação entre filosofia e teologia, razão e fé, na Metafísica da Manifestação de Joaquim Cerqueira Gonçalves», 138-139;

⁵⁷ Dimas, 140.

pacto espiritual, entendido como uma «ruptura de um compromisso recíproco de amor gratuito entre Deus e o ser humano.»⁵⁸

O mundo torna-se adverso frente ao pecado, à ofensa, à maldade, ao desrespeito, em virtude de obter a maior vantagem possível, cujo bem comum é interpretado, procurado e vivido em função do bem individual, sem haver precisamente a procura do bem porque é bem, nem numa lógica de comunhão. Porém, entende-se que a proposta de uma plena comunhão continua presente através da pessoa de Jesus Cristo, bem como o exemplo da experiência dos discípulos. Jesus indica o sentido de uma vida plenamente realizada e que é, justamente, o sentido da entrega de si mesmo pela vida do Outro. Para que tal aconteça, esta entrega requer colaboração com o agir de Deus, estabelecendo uma lógica de comunhão e relações livres, o que significa que não devemos viver com o Outro como inimigo.⁵⁹ De acordo com tal afirmação, o desafio poderá ser difícil e complexo devido às inúmeras influências a que cada pessoa está sujeita, mas perante a promessa cristológica torna-se aliciante, pois apela para que a nossa ação de semeadores de Paz como nos é referido em São Mateus: «Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.» (Mt 5,9).

⁵⁸ Armindo dos Santos Vaz, *Antigo Testamento I* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2017), 154-155.

⁵⁹ Cf. Sergio Bastianel, *Moralidade pessoal na história: temas de ética social* (Lisboa: Cáritas Portuguesa, 2013), 26-27.

1.2. Encontro interpessoal – Eu e o Outro

Martin Buber defende que a relação é uma premissa fundamental na busca da identidade autêntica do ser humano, afirmando-se no encontro com o outro. Entende-se, portanto, que a construção da identidade se concretiza aquando da interpelação com outro ser baseada na reciprocidade, pois «Relação é reciprocidade».⁶⁰

Efetivamente, toda a relação plena tem início entre o *Eu* e o *Tu*, visto que o *Tu* representa o mundo de cada ser humano. Daí, Buber afirmar que «A palavra fundamental *Eu-Tu* funda o mundo da relação».⁶¹ Portanto, O *Eu*, enquanto individualidade, estabelece uma relação com o *Tu*, a qual se traduz num ato concretizado pelo ser humano, permitindo, desta forma, a sua participação no mundo da relação através do diálogo, ou seja, dá-se uma interação direta e ativa entre os seres humanos. Por isso, é a relação estabelecida entre o *Eu* e o *Tu* que fundamenta a existência do ser humano.

Para Buber, uma das esferas que institui o mundo da relação é a vida com os homens, sendo que a relação «é aqui manifesta e toma a forma da linguagem. Podemos dar e receber o *Tu*».⁶² Assim sendo, o diálogo revela-se como uma teoria da linguagem e a interação entre as várias culturas, como um processo dialógico, bem como o ponto de partida para a concretização de uma relação respeitosa entre os sujeitos culturais.

O encontro implica ação e, segundo a perspetiva de Buber, o ato essencial na vida do ser humano é entendido como um sentimento, podendo este ser equivocado se não for interpretado da melhor forma. Então, este filósofo partilha que o amor, enquanto sentimento, acontece na relação entre o *Eu* e o *Tu*, considerado o agir próprio do mundo. Por isso, o amor é entendido como uma livre entrega nas relações entre as pessoas, não devendo ser conotado a um sentido de posse. O amor só se torna uma palavra fundamental da relação *Eu-Tu* quando o *Eu* observa o outro enquanto ser integral. Logo, existe algo entre o *Eu* e o *Tu* que os liga, ainda que essa ligação não seja propriamente plena e positiva, pois o *Tu* encontra-se enquadrado no mundo da experiência.⁶³

Na perspetiva buberiana, o *Tu* não é objeto de pesquisa, mas sim aquele que vai ao encontro e que se torna presente no *Eu*, o que significa que o *Tu* é a presença que se impõe na vida do *Eu* num determinado tempo, espaço e circunstância da vida de ambos. Deste modo, o *Eu* constituiu-se na presença real e efetiva do *Tu*. É de referir que esta participação no contacto e na vida do Outro faz com que desponte uma relação imediata, implicando uma ação perante

⁶⁰ Buber, *Eu e Tu*, 20;

⁶¹ Buber, 10;

⁶² Buber, 10;

⁶³ Cf. Buber, 18-20.

a situação e, conseqüentemente, é atribuído um significado a esta mesma ação. Por isso, Buber defende que:

A relação imediata implica uma ação no que nos defronta [...] O que me defronta realiza-se através do encontro, graças ao qual ingressa no mundo das coisas para permanecer em ação constante, incessantemente. Isso, mas também para continuamente se tornar de novo um Tu [...] «Corporifica-se»: o seu corpo emerge da torrente da presença, alheia ao espaço e ao tempo, para a margem da existência que perdura.⁶⁴

Neste seguimento, destaco o pensamento do filósofo Gabriel Marcel, pelo facto de defender que o corpo é o primeiro modo do homem como existente, ou seja, é como se apresenta e se dá a conhecer. Porém, defende, também, que o homem tanto pode ser concebido como um objeto, entre objetos, como pode ser concebido na sua dimensão de corpo-sujeito, no sentido de «meu corpo», sendo este interpretado como um lugar de relação.⁶⁵ Assim é entendido, através do corpo, que o homem comunica com o mundo que o rodeia e estabelece uma relação com os Outros e com o mundo através dos sentidos. Maria de Lourdes Ganho, em relação à teoria de Gabriel Marcel, conclui que «a sensação é o modo mais imediato de o corpo se apresentar, possibilitando a abertura deste ao mundo e aos outros corpos», acentuando a importância de que «a dimensão do corpo não se reduz à sensação».⁶⁶

Assim, a experiência do corpo enquanto «meu corpo» é a primeira certeza de natureza sensível do homem como existente, visto que é na apresentação do homem, como corpo, demonstrando disponibilidade e abertura perante o Outro, facto que implica sair de si próprio e entrar na esfera do Outro. Logo, confirma-se que se trata de um lugar de relação aberto à comunicação e que vai além do sensível. Daqui decorre a importância da sensação, pois é ela que possibilita a relação com o mundo, embora seja a corporeidade que chama a atenção para esta realidade que é o homem, a partir da consideração de «meu corpo», sendo este o ponto de referência para me relacionar com tudo o que, de um modo sensível, me envolve.⁶⁷

A participação do homem ocorre por intermédio do seu corpo, por isso, o corpo é o «mediador absoluto», porque é ele que entra, em primeira instância, em relação com os diferentes níveis de realidade, sendo este contacto, também, já uma experiência de *ser*. Para Gabriel Marcel, o corpo é compreendido como «meu corpo», integrando-o na modalidade de

⁶⁴ Buber, *Eu e Tu*, 15-18.

⁶⁵ Cf. Maria de Lourdes Ganho, «Existência e transcendência em Gabriel Marcel», (Braga: *Itinerarium*, 1994): 53.

⁶⁶ Ganho, 57;

⁶⁷ Cf. Ganho, 58.

ser, como constituição da realidade humana, por contraposição à modalidade de *ter*, pois não é nada que se possua de um modo exterior. Daí defender que «Eu sou o “meu corpo”, mas *eu não sou só* “o meu corpo”». Contudo, o corpo pode ser concebido de dois modos diferentes, por um lado, como instrumento ou objeto, por outro lado, como corpo-sujeito. O corpo-instrumento consiste no modo como cada pessoa o perspetiva e reduz a um conjunto puramente espacial, é algo que se possui e que funciona como um objeto. Deste modo, situa-se na área do *ter*, ou seja, da posse, sendo considerado, na sua exterioridade, como algo que se possui, que pode ser utilizado e manipulável, podendo ser concebido como um meio ao serviço de um fim. Portanto, esta perspetiva despersonaliza o corpo, contrapondo o seu verdadeiro sentido, ou seja, perspetivá-lo na dimensão da modalidade de *ser*, dado que não se reduz a um conjunto de determinações puramente funcionais.⁶⁸ Assim, o corpo situa-se no cruzamento do *ter* e do *ser*, ou seja, a corporeidade é uma zona de fronteira. Então, como modalidade de *ser*, o corpo aponta para a encarnação do homem-no-mundo, sendo, uma referência central da metafísica.

Neste sentido, a encarnação reflete a situação de um ser que aparece ligado a um corpo, de tal modo que a sua relação com o mundo é concebida a partir deste facto. Deste modo, a conceção de «meu corpo» vivido e sentido dá conta da condição humana. Logo, o homem é um ser-em-situação, cuja noção define os limites e o campo de ação, apontando para a sua finitude, enquanto ser temporal, inacabado e imperfeito. Atendendo a esta perspetiva, o corpo é, por um lado, a principal inserção no mundo e, por outro lado, o primeiro modo de abertura ao ser, porque a encarnação se apresenta com alcance metafísico, abrindo a possibilidade para que o homem se espiritualize. Assim, a encarnação permite a compreensão da realidade pessoal. Deste modo, o corpo e a encarnação são referências antropológicas, mas que colocam a realidade do *ser* da pessoa no horizonte metafísico, possibilitando uma abertura e comunhão. Logo, para Gabriel Marcel, a encarnação, como densidade corpórea, abertura ao mundo e impulso para a transcendência, permite mostrar que o homem pertence tanto ao mundo natural, assegurando a sua inserção no mundo, como ao mundo espiritual, numa unidade indissociável.⁶⁹ Assim, fundamenta-se a complementaridade e o modelo de união do corpo a partir da tradição que emerge com a pessoa de Jesus Cristo, o mediador, que assinala a presença de Deus no mundo.

Partindo da conceção de Gabriel Marcel, Maria de Lourdes Ganho referencia que este estar no mundo aponta para um dos traços mais interessante e originais deste filósofo, isto é, a reciprocidade da afirmação, que significa que a existência é o ser, considerando, assim, uma ontologia antropológica. Aprofundar a condição da existência humana não se encontra desligada da procura do ser, daí, refletir e descrever a situação do homem no mundo não se

⁶⁸ Cf. Ganho, «Existência e transcendência em Gabriel Marcel», 58-60;

⁶⁹ Cf. Ganho, 63-64.

baseia somente em reconhecer que a existência é o ponto de partida, mas vê como o início para o alcance do transcendente. É sinal de que há uma abertura a outra realidade que define, assim, a verdadeira existência do ser, marcada pela ação humana mediante o amor, a disponibilidade e a fidelidade, tratando-se de experiências fundamentais para a compreensão do Outro.⁷⁰

O encontro e a abertura ao Outro e sair do seu egoísmo é, certamente, uma forma da pessoa se descentrar de si própria e, simultaneamente, participar do seu mais profundo ser, cuja participação se reflete na plenitude de ser. Este «*descentramento* liga-se ao problema de Deus, o Outro a que Marcel chama de “Tu Absoluto”». ⁷¹

2. Uma vida de relação

A vida relacional exige de cada pessoa dinamismo, mas também abertura e disponibilidade. A relação interpessoal traduz-me num diálogo e as experiências incitam-nos a enfrentar e atuar conforme as exigências da realidade. O encontro, a presença e o diálogo são princípios elementares e constituem a vida de cada pessoa, pois reconhecer o seu semelhante de forma consciente confere sentido à sua condição humana e existência relacional.

2.1. O conceito de pessoa

Segundo Emmanuel Housset, ao longo de toda a história, a palavra “persona” foi assumindo um entendimento diferente, diferenciando-se de uma conotação ligada ao sentido de “personagem” ou enquanto “sujeito de direito”, para um entendimento enquanto ser em relação, cuja essência é confundida com a sua capacidade de responder por si próprio e de responder a outras pessoas.⁷² Significa que o sentido de pessoa ao qual se foi chegando não aponta somente para uma única interpretação, ou seja, a pessoa é composta por todas as suas dimensões.

Neste sentido, a partir de Housset verifica-se duas definições de pessoa: a legal e a relacional. A definição legal decreta a pessoa como aquela que assume o controlo de si própria, isto é, “ser para si próprio”. Enquanto a relacional aponta para aquela que tem necessidade da outra, ou seja, “ser para outro”.⁷³

Segundo Battista Mondin, o conceito de pessoa é uma conquista do pensamento cristão, dado que se interpretou o indivíduo no concreto. É uma perspectiva que emerge de uma mundividência teológica relativamente a questões cristológicas e trinitárias abordadas no

⁷⁰ Cf. Maria de Lourdes Sirgado Ganho, «A Filosofia Concreta de Gabriel Marcel», *Didaskalia*, 13. n.º 1-2, (1983): 176, acedido a 23 de setembro de 2022, <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1983.839>.

⁷¹ Ganho, «A Filosofia Concreta de Gabriel Marcel», 376-377.

⁷² Cf. Emanuel Housset, «La persona como creatura.», acedido a 15 de setembro de 2022, <https://repositorio.uc.cl/handle/11534/5873>: 161.

⁷³ Cf. Housset, «La persona como creatura.», 163.

período patrístico, séculos IV e V. Embora Tertuliano tenha utilizado o termo «pessoa» para distinguir o princípio da Trindade, afirmando haver «uma substância» e «três pessoas», foi com Santo Agostinho que a reflexão em torno deste conceito foi ganhando um maior aprofundamento. Para este Padre da Igreja, cada indivíduo é uma pessoa, sendo entendida como uma realidade única e irrepetível. Boécio, no que lhe concerne, retoma e enriquece a definição agostiniana numa perspetiva filosófica-teológica, afirmando que a «pessoa é uma substância individual de natureza racional».⁷⁴

Assim, o indivíduo destaca-se pela sua individualidade, interioridade e racionalidade. Esta definição clássica foi sublinhada pelos pensamentos modernos e contemporâneos. Contudo, estas novas perspetivas conduzem a uma definição mais complexa, dado que definem a pessoa como um ser subsistente dotado de autotranscendência, isto é, além da subsistência, é um ser detentor de autoconsciência, de comunicação, de coexistência e de proximidade e de autotranscendência. Decerto, falar de pessoa significa falar de espírito, transformação, construção e evolução. A pessoa possui o ato de ser que é espiritual, dado que está ligado à matéria, o qual informa e transforma a matéria. Assim é o ser humano, cuja pessoa que, perante a sua história, a sua cultura e, por conseguinte, as suas inúmeras possibilidades, se molda e se constrói de forma dinâmica, conduzindo à sua própria evolução. Logo, é livre para escolher e realizar as suas escolhas e projetos de vida através da relação. Este dinamismo aponta para uma interpretação teocêntrica e para tal, Mondin destaca a teoria de Bernhard Welte, na qual o filósofo/teólogo defende que a existência do homem possui um movimento com finalidade, sendo idealmente assumida por Deus, cujo homem responde mediante a manifestação da fé.⁷⁵

Housset concorda com a definição buberiana ao sublinhar que a pessoa é um ser naturalmente dialógico e reativo,⁷⁶ considerando uma relação de excelência quando o diálogo se torna indispensável na relação entre as pessoas. Portanto, é no diálogo que o *Eu* se concretiza, tornando possível a mediação dos conflitos a partir de uma relação constituída pelo encontro e por uma presença efetiva e recíproca. Perante este processo dinâmico e relacional, cada pessoa se autorrealiza livremente. Porém, é uma realização pessoal que, simultaneamente, envolve a realização do Outro, pois é na relação que a essência do homem se complementa.

Em todo o caso, esta relação pessoal só é cumprida quando vai ao encontro do Outro, mas também em direção ao ser infinito de Deus.⁷⁷ Portanto, a pessoa permanece envolta num processo dinâmico, não se tratando de uma realidade concluída.

⁷⁴ Mondin, *Quem é Deus – Elementos de teologia filosófica*, 319-320;

⁷⁵ Cf. Mondin, 400-409.

⁷⁶ Cf. Housset, «La persona como creatura», 162.

⁷⁷ Cf. Emerich Coreth, *O que é o Homem? Elementos para uma antropologia filosófica*, (Lisboa: Editorial Verbo, 1988): 192.

2.2. Estruturas de relações de ação humana

A experiência da presença dos outros na nossa vida é o dom que nos é dado de nos podermos relacionar com as pessoas com quem nos deparamos no dia a dia. A busca do bem comum, enquanto comunhão e partilha, significa o bem de todos e de cada um: é bem porque é bem, indicando o sentido do nosso viver em conjunto, o fim último de cada forma de vida social, ou seja, a meta, de cujo rumo partilhamos a existência. Portanto, o bem comum constitui «a própria razão de ser das várias formas de estruturação social da vida.»⁷⁸

É de referir que as estruturas da vida social nunca são de todo fixas e não atuam de modo automático, pois a responsabilidade pessoal atua nas diferentes esferas como no seio da comunidade, nas relações da vida familiar, nas relações de autoridade e obediência, na pertença religiosa e na visibilidade das relações entre os fiéis que exercem as diferentes funções que na Igreja lhes foram confiadas.

No que concerne à relação pessoal, entendendo que se trata da primeira relação com o Outro, caracteriza-se por ser e estar no seio da sociedade, tendo em consideração como são estabelecidas as relações, as quais exigem um modo concreto de desenvolvimento. Neste sentido, salienta-se a interpersonalidade da pessoa, na qual a sua realização depende dos que estão à volta, pois, é na relação pessoal que o desenvolvimento pessoal e espiritual atinge o seu auge. Este processo dinâmico faz com que a pessoa assuma uma decisão livre, aprenda e seja educada e é através desta linguagem manifestada pela comunicação, entre em comunhão espiritual com os outros. Acrescenta-se que esta manifestação passa pelo conhecimento efetivo do Outro, possibilitando, deste modo, uma abertura livre para conhecer o Outro. No entanto, a plenitude da relação pessoal não se esgota no conhecimento, mas sim na manifestação do amor e na ação pessoal, com a propensão de aceitar o Outro.⁷⁹

Ao abordar a estrutura das relações considero pertinente destacar o papel das dimensões da consciência moral e pessoal, as quais coexistem e interagem e, de certo modo, estão relacionadas uma com a outra, ou seja, há uma interligação entre a autonomia e a comunidade. Assim, o sentido de consciência pessoal e moral consiste na unidade da existência do próprio indivíduo enquanto possuidor de uma intuição consciente, liberdade e responsabilidade. Enquanto a moral está relacionada com um âmbito específico da experiência que não se reduz a outro, portanto, está ligado à experiência do bem e do mal e da sua implicação nos mesmos, bem como à experiência livre e inteligente de viver responsável. Esta experiência consciente também está ligada à vida de fé de uma pessoa, pelo que se assemelha à experiência de Jesus

⁷⁸ Bastianel, *Moralidade pessoal na história: temas de ética social*, 96-97.

⁷⁹ Cf. Coreth, *O que é o Homem? Elementos para uma antropologia filosófica*, 195-198.

pelo encontro com Deus em Jesus e pela resposta que é dada,⁸⁰ portanto, é a consciência que atesta a existência e a capacidade de cada pessoa se reconhecer no mundo das relações.

No que lhe concerne, a estrutura da autorrealização encontra-se na essência do espírito, cuja orientação se inclina para o Absoluto. Portanto, dá-se uma realização no encontro com o Outro, em que, em primeira instância, a pessoa se aceita a si própria, mas que se funda no Absoluto através da relação com o transcendente, no entanto, também, não se esgota.⁸¹

Cada pessoa, enquanto ser consciente, alcança a verdade e o sentido mais verdadeiro do seu viver. No entanto, se o sentido de uma ação for mediado e avaliado somente na base de uma atitude para realizar um propósito pessoal, então, o próprio exercício da liberdade pode ser posto em causa no seu sentido. Deste modo, enquanto ser que constitui a humanidade através da convivência e coexistência e, perante a alteridade humana, não pode qualificar, arbitrariamente, o sentido e o valor da decisão e ação em concreto, pois, perante o Outro, é possível ignorar e agir como se não existisse ou utilizá-lo como um instrumento, transparecendo desinteresse. Deste modo, a consciente liberdade apresenta alternativas, ou seja, reconhece o Outro e atribui valor à sua presença na relação e nas nossas decisões ou passa somente a uma presença enquanto instrumento e fim último. Por isso, é necessário assimilar que a qualidade da relação com o Outro está interligada com a qualidade do próprio existir de cada pessoa.⁸²

Neste sentido, o papel da cultura é fundamental na estruturação das relações, pois a liberdade não depende de nós, o que significa que o exercício concreto da liberdade e, conseqüentemente, o resultado das nossas decisões é fruto de uma história e sucessivas influências. Neste sentido, a história de cada pessoa possibilita formar a sua própria interioridade e o sentido de moralidade pessoal é, assim, também, formado pelo contexto de relações, em cujo meio se encontra inserido, constituído nas variadas dimensões. De facto, cada pessoa é produto de uma tradição concreta, de uma história de sociabilidade e de uma cultura, cujo viver influi na vida e na sensibilidade das pessoas. No fundo, esta capacidade de interagir e cooperar com os demais proporciona um melhor conhecimento de si próprio, bem como possibilita a construção de cada pessoa a partir do conhecimento que se obtém dos outros.

No imediato de uma relação simples criam-se recíprocas expectativas – relação eu-tu. Na relação complexa é criada uma rede em que uns dependem dos outros, na qual a liberdade, a autonomia, o espaço real e a responsabilidade influi nas capacidades e nos limites dos outros. Deste modo, as relações interpessoais estruturam-se socialmente, possibilitam e limitam o crescer e o amadurecimento de consciências morais, bem como as capacidades de liberdade.

⁸⁰ Cf. Bastianel, *Moralidade pessoal na história: temas de ética social*, 247-251.

⁸¹ Cf. Coreth, *O que é o Homem? Elementos para uma antropologia filosófica*, 200-201.

⁸² Cf. Bastianel, 253-256.

Assim, a nossa responsabilidade exerce-se no positivo e no negativo como contributo para a compreensão, liberdade e bem do Outro.⁸³ Não é por acaso que se diz que a pluralidade social, religiosa e cultural se enriquecem mutuamente, pelo simples facto de não se tratar propriamente de uma negação de princípios ou valores, mas sim de uma visão mais aberta e disponível que aceita, com respeito e dignidade, as diferentes perspetivas, concedendo oportunidades de conhecimento e experiências.

2.3. O compromisso e o diálogo

Pensar a relação é pensar a existência humana, pelo que a mesma implica uma atitude que pode ter o poder de transformar tudo à sua volta, fundamentado no próprio modo de existir na relação. Para tal, é, sem dúvida, através da educação que ocorre a formação de pessoas responsáveis e capazes de viver e conviver em grupos diferenciados enraizados no diálogo e no respeito. No entanto, para que isto transite da teoria para a prática, é fundamental que haja uma predisposição para a mudança, logo, para o relacionamento com os que nos circundam, evidenciando a necessidade da reflexão e da ação comprometida, denunciando gestos de aceitação, de perdão e de reconciliação.

Certamente, o diálogo nunca pode ser dado como concluído. Constantemente, apela-se para o diálogo, o respeito, o encontro e o cuidado com Outro, mas, efetivamente, torna-se imprescindível educar para a escuta ativa e para o diálogo autêntico, para que as atitudes sejam direcionadas para o bem do Outro, contrariando muitos dos acontecimentos da atualidade, como o egoísmo, a intolerância, o individualismo, o desrespeito e falta de empatia e de paciência pelos demais. A existência do diálogo implica reconhecer e compreender o Outro, contudo, pode ser corrompido pela opinião ou crítica sem fundamento.

De facto, nos nossos dias, constantemente, vivenciamos ações, situações, pensamentos e sentimentos opostos em que, por um lado, tudo parece tão liberal, pacífico, aberto e predisposto à diferença, mas por outro, sobressai tanto egoísmo, preconceito, incompreensão e maldade. Continuamos a assistir a constantes contraposições, revelando uma ampliação do mal perante o bem e, assim, crescem as lutas ideológicas, os conflitos por interesses e revolucionários. Tais conflitos conduzem a transformações e revoluções radicais que não favorecem a partilha e a resolução pacífica, excluindo a tolerância e o compromisso.⁸⁴

De facto, o conflito da atualidade com maior destaque é a guerra na Ucrânia, cuja situação é muito preocupante, pois parece não ter resolução à vista. Como é possível não haver

⁸³ Cf. Bastianel, *Moralidade pessoal na história: temas de ética social*, 257.

⁸⁴ Cf. António José Fernandes, *Conflitos e Paz Mundial – A importância da ONU* (Lisboa: Quid Huris Sociedade Editora, 2011), 21-22.

mecanismos próprios e capazes de dominar este conflito, apesar dos inúmeros alertas e reprovações, intervenções e sanções por parte das organizações internacionais? Uma guerra, em pleno século XXI, que continua a provocar a morte, o sofrimento e a fuga de milhões de pessoas, não salvaguardando o bem-estar, a dignidade, a qualidade e a própria vida das pessoas, infringindo vários dos artigos que constam na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Por isso, como estabelecer um acordo de paz e promover a cooperação, se não há abertura para um diálogo sincero e sentido de responsabilidade?

No meio de tantos conflitos, e não menos importante, pelo contrário, destaco, por exemplo, a crise humanitária no Iémen, classificada pela ONU, cujo país é alvo de uma guerra civil, desde 2011, em que milhões de pessoas se encontram com escassez alimentar, com fraco acesso à educação e sem acesso a cuidados de saúde,⁸⁵ que provoca a deslocação e ameaça a vida da população, inclusive a manipulação e mobilização de crianças para os conflitos armados. Em meio de tanta ambição, discórdia e convicções e ideologias radicais e fundamentalistas, até parece que tudo é praticável, que tudo é passível de se assistir sem qualquer tipo de aversão.

Até à data, muitos conflitos ocorrem significativamente, outros quantos perduram persistentemente. Mas até que ponto é que o diálogo de quem, supostamente, tem posição e poder conseguirá erradicar estas guerras mediante os acordos de paz, quando há indícios de atitudes e ações que contrariam o princípio do respeito, da solidariedade e da tolerância? Perante as várias tensões e os conflitos religiosos que se sucedem na atualidade, como podem as minorias exercer, livremente, a sua liberdade religiosa sem restrições ou perseguições? Como promover o encontro e o diálogo, onde é visível um discurso fundamentalista enraizado contra a minoria religiosa e cultural?

Perante estas dinâmicas, a ordem do entendimento é fulcral para atingir a via da paz e do diálogo. Há e sempre haverá um choque de culturas, de gerações e até tecnológicas, porque é certo que perante estes desafios se não reinar a tolerância, a compreensão mútua e o entendimento permeados pelo diálogo, o exercício das relações pacíficas ficará sempre comprometido, daí que a urgência de pôr em prática a responsabilidade de todos, o que exige uma forte sensibilidade, quer pessoal, social, religiosa, política ou cultural. Caso contrário, assistimos à constante impossibilidade e incapacidade na resolução de problemas, conflitos e guerras, nos quais o interesse pessoal, o egoísmo, a ausência da verdade e a falta de empatia e solidariedade para com os outros prevalece. É vital que se prime por ações que promovem uma

⁸⁵ Cf. Organização das Nações Unidas, «Iémen: a maior crise humanitária do mundo», acedido a 7 de setembro de 2022, <https://unric.org/pt/iemen-a-maior-crise-humanitaria-do-mundo/>.

aproximação relacional para abrir caminhos para um diálogo sociocultural e inter-religioso, contribuindo para uma efetiva educação da paz nos vários contextos da vida das comunidades.

Em pleno século XXI, são visíveis os retrocessos civilizacionais, quando, por exemplo, o radicalismo e o fundamentalismo dos talibãs impedem as mulheres de estudarem e de trabalharem ou de saírem à rua livremente, bem como o radicalismo e fundamentalismo de alguns movimentos evangélicos e católicos que negam o evolucionismo e o diálogo entre ciência e religião em nome de uma visão literalista e mítica do texto sagrado no relato do Génesis.

A pertença a uma determinada religião não pode ser motivo para atacar crentes de outras religiões. A propósito, a UNESCO, aprovou a Declaração de Princípios sobre a Tolerância, em que um dos pontos descreve o significado de tolerância como sendo «o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. [...] A tolerância é a harmonia na diferença».⁸⁶ Contudo, para isto não basta dizer, embora este seja um percurso que perlonga, pois o estar predisposto para o Outro exige gestos, palavras e ações concretas e sinceras.

Por esta via, também, questiona-se: que papel assumem os representantes dos governos, enquanto responsáveis pela aplicação das leis dos respetivos direitos humanos, em relação aos crimes e discriminação das minorias? Que ferramentas poderão criar para enfrentar, combater e solucionar estes problemas de constante desconfiança e desrespeito, intolerância e ódio, e valorizar a diversidade religiosa e cultural?

Não é por acaso que, muito recentemente se sucedeu a 77.^a sessão da Assembleia Geral da ONU, cujo encontro teve como tema *Um momento decisivo: soluções transformadoras para desafios interligados*, e na véspera, o secretário-geral, António Guterres, referiu que o mundo está «arruinado pela guerra, castigado pelo caos climático, marcado pelo ódio e envergonhado pela pobreza, fome e desigualdade».⁸⁷

Embora deparamos com uma variedade de atos desumanos, evidencia-se que o diálogo é o caminho para a comunhão e é entendido como virtude cristã animada pela caridade, o qual assenta na capacidade de falar e capacidade de escutar. Porém, terá de ser capaz de ultrapassar os equívocos ininterruptos. Daí, o diálogo ser, sem dúvida, entendido como virtude quando assume uma atitude fundamental e constante, não se tratando apenas de atos pontuais e

⁸⁶ Conferência Geral da UNESCO, «Declaração de Princípios sobre a Tolerância», acedido a 7 de setembro de 2021, <https://www.oas.org/dil/port/1995%20Declaração%20de%20Princ%20C3%ADpios%20sobre%20a%20Tolerância%20da%20UNESCO.pdf>.

⁸⁷ ONU News, «Brasil abre debate da Assembleia Geral da ONU sobre soluções e desafios.», acedido em 20 de setembro de 2022, <https://news.un.org/pt/story/2022/09/1801541>.

singulares. É a partir do diálogo com os Outros que expressamos a nossa relação e comunicação relativamente à fé e à esperança.⁸⁸ Com efeito, o sentido do diálogo pode ser equivocado, quando uma pessoa se coloca ao lado da outra, numa troca de palavras com um pretexto ou um objetivo próprio.

É de acrescentar que, apesar de tudo, a condição de toda a experiência humana da consciência é a existência de um ambiente intersubjetivo em que a pessoa individual nasce e através do qual se torna pessoa consciente, livre e responsável, comunicando e partilhando com outras finalidades e perceções de valores, juízos, modelos e critérios de comportamento, conhecimentos e experiências normativas. Esta dinâmica de partilha social pertence à formação e à continuidade de uma cultura, de várias culturas morais na sua existência histórica. A personalidade moral amadurece quando é adquirido o sentido da exigência moral. A moralidade tem origem no encontro com o outro. Pois o encontro com o Outro é que proporciona o encontro interpessoal.⁸⁹

As escolhas e opções pessoais, o modo de viver e o exercício da responsabilidade é uma forma intensa de empenhamento social, tratando de certa forma de um aglomerado de encontros e de experiências humanas e é o que forma as consciências pessoais, marcando as suas escolhas e o seu plano de vida. Assim, a convivência representa a sociabilidade como comunicação entre consciências, pois a responsabilidade moral das pessoas é sempre vivida numa dimensão social e política. Aí, verifica-se que a dicotomia das consciências moral e social estão interligadas, pelo que não se pode privatizar a experiência ética. Embora haja uma tendência para tal privatização, criando uma separação entre o âmbito ético e o âmbito social, demonstrando assim desinteresse pelo outro.

Neste seguimento, da mesma forma que há uma dicotomia entre a consciência moral e social, também existe uma dicotomia entre o sagrado e o profano relativamente à imagem de Deus. Pois, quando a fé se resume a uma relação íntima, em gestos e palavras que se fixam em si mesmo e em Deus, o viver social não é importante. Deste modo, a imagem transmitida de Deus é contrária à que encontramos na Sagrada Escritura, enquanto Deus de revelação. O crente ao participar na vida social é testemunha da orientação para Deus, compreendendo e acolhendo o Deus da Aliança e da Salvação, transmitindo assim uma verdadeira imagem de Deus. Daí a importância de conviver em relação com base no diálogo e no compromisso com o outro.⁹⁰

⁸⁸ Cf. Bastianel, *Moralidade pessoal na história: temas de ética social*, 102-105;

⁸⁹ Cf. Bastianel, 18-20;

⁹⁰ Cf. Bastianel, 21-26.

3. A abordagem da Paz Universal em Educação Moral e Religiosa Católica

O tema da paz é delicado em todos os tempos e detém diferentes conotações e significados, bem como desencadeia muitos sentimentos e situações. Por isso, são muitas as definições que, conseqüentemente, dizem respeito a diferentes realidades, desde a estados interiores, relações pessoais e interpessoais e a questões culturais, religiosas e políticas.

3.1. O significado da Paz e as suas dimensões

Na generalidade, falar de paz conduz, em primeira ordem, para um sentido de ausência de conflito ou de guerra, mas não é somente esta interpretação que prevalece. Daí a dificuldade de formalizar um conceito de paz que possa abranger várias definições. Ora, paz, efetivamente, corresponde a situações provenientes da harmonia e do entendimento em que não existem indícios de guerra entre Estados e/ou pessoas, ou, ainda, tratando-se de restabelecer a paz, estar ligada a acordos pacíficos para a resolução de problemas, mas também diz respeito a estados de espírito e mentais.

Aqui, destaco a definição adotada pelas Instituições laureadas com o Prémio Nobel da Paz, de 1978, por considerar que abrange todas as variáveis que correspondem ao sentido de paz:

A paz é um conjunto dinâmico de relações de coexistência e de cooperação entre nações e no seio das nações, caracterizado não somente pela ausência de conflitos armados, mas também pelo respeito dos valores humanos enunciados pela Declaração Universal dos Direitos do Homem e pela preocupação de assegurar a cada um o máximo do bem-estar.⁹¹

Esta invocação expressa a urgência e a necessidade de haver relações de cooperação entre as pessoas, nas suas várias dimensões, quer sejam elas mais pessoais, sociais e/ou até religiosas. Há a necessidade de reforçar o respeito pelos princípios que são fundamentais e que preconizam os direitos e deveres de todos, com o intuito de minimizar a conflitualidade que possa desencadear entre as pessoas, as instituições e os representantes dos Estados. No entanto, como tem sido possível verificar, nem tudo decorre na perfeição. Daí assistirmos constantemente a um mundo assinalado com inúmeras falências de paz, cujos períodos são mais curtos, outros mais longos, de conflito e insegurança, alimentados pelo ódio, ambição, privações e frustrações, devido à complexidade das relações humanas e respetivas sociedades, apesar de todos expressarem o anseio de viver em tranquilidade. Assim, embora possa ainda

⁹¹ Fernandes, *Conflitos e Paz Mundial – A importância da ONU*, 92.

haver muitas falhas no que concerne a soluções concretas, é notável a preocupação de se promover e ir ao encontro de possíveis resoluções, por isso surgem as várias instituições, associações e organizações, como é o exemplo da ONU que aspira manter a paz a nível mundial. Obviamente, poderá ser uma realidade difícil de se concretizar, mas, na verdade, interessa é haver vontade de se envolver, compreender e agir assertivamente.⁹²

3.2. A pertinência do tema da Paz no âmbito da finalidade de EMRC

O tema da paz, integrado na lecionação do sétimo ano, enquanto início de terceiro ciclo do ensino básico, e terminando no nono ano, cuja conclusão culmina com o sentido da construção do Projeto de Vida, ganha relevância no sentido de que o desejo pela paz se torna essencial para o crescimento pessoal e relacional, essencialmente, na fase da adolescência. Assim sendo, trata-se de uma temática que desperta e, simultaneamente, apela para a relação de compromisso, diálogo, cooperação, respeito e empatia, bem como para a valorização de um conjunto de atitudes, comportamentos e, por conseguinte, de valores a pôr em prática no dia a dia em prol do bem comum.

Efetivamente, trata-se de uma temática que aborda o anseio da humanidade em atingir o estado de paz, mas para tal aconteça, torna-se fulcral despertar para a noção de que a expressão da paz, em todos os níveis da vida do ser humano, advém de atitudes, comportamentos, ações e palavras nutridas pelo amor, equilíbrio e justiça. Aqui destaca-se o papel de EMRC, cujo propósito é fazer com que os alunos, primeiro, se conheçam a si próprios, para depois compreender melhor os que os envolvem.

Esta temática contempla em si, em muitos aspetos, as finalidades da disciplina de EMRC, pois todo o currículo, de certa forma, articula três fatores essenciais, nomeadamente a sociedade, os conhecimentos científicos e o próprio aluno.⁹³ De facto, estabelece-se, aqui, uma espécie de tripé, em cuja articulação se falha um, poderão falhar os restantes. Isto significa que o papel central da sociedade se destaca com a sua história e as suas especificidades religiosas, económicas, culturais e políticas, com as suas instituições e respetivos valores; a relevância dos conteúdos, cujos conhecimentos são repletos de elementos científicos; e, por último, o elemento imprescindível, o aluno, crianças e adolescentes possuidores das suas próprias características, o qual se encontra inserido numa sociedade religiosa e cultural.

Assim, é importante para algumas das finalidades de EMRC, nomeadamente:

⁹² Cf. Fernandes, *Conflitos e Paz Mundial – A importância da ONU*, 92-93.

⁹³ Cf. *Programa de EMRC*, 3.

Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.⁹⁴

No fundo, a ambição de EMRC é educar para a verdadeira essência da paz através das aprendizagens e das experiências que se possam refletir em compromissos e visíveis transformações, partindo da proposta cristã.

3.3. O contributo de EMRC para a (re)construção da Paz

Os conflitos entre as pessoas e os flagelos que marcam a toda a humanidade prejudicam o equilíbrio e, conseqüentemente, a consolidação e a permanência da paz no mundo. Perante esta perspectiva, permanece a dúvida de como é possível restaurar a paz num mundo onde reina a mentira e a corrupção, o ódio, a guerra e a desumanização. Estas atitudes chegam a ser contraditórias dada a evolução racional, científica, tecnológica e até as convicções religiosas, visto que a miséria, a fome, a discriminação, a humilhação e desrespeito continuam patentes nos nossos dias.

Neste sentido, no que concerne à educação e, especificamente, à mensagem explorada em EMRC, muitas vezes, não é fácil desmontar estas questões perante a incapacidade de resolução por parte dos que, à partida, teriam esta obrigação por via das forças política e moral institucionalizadas. São problemas que se refletem em inúmeros debates em sala de aula, iniciando e/ou terminando a abordagem com a básica indagação: Como é possível? Pois bem, certamente, não é fácil encontrar uma resposta e, de certa forma, nem a educação para a paz está facilitada. Contudo, a fim de percorrer esta trajetória, considero que a disciplina de EMRC assenta na via do compreender e do conhecer em relação ao seu contributo para a presente temática.

Segundo António Fernandes, o objetivo da educação é desenvolver as capacidades cognitivas, intelectuais e físicas do indivíduo e transmitir-lhe valores éticos e morais e normas de conduta que visam a sua integração social.⁹⁵ Significa que é através da educação que se dá a assimilação e o entendimento da realidade, abrindo a possibilidade de estimular a capacidade de ser tolerante frente a determinadas situações e ações.

⁹⁴ *Programa de EMRC*, 5.

⁹⁵ Cf. Fernandes, *Conflitos e Paz Mundial – A importância da ONU*, 183-184.

À luz dos desafios com que deparamos atualmente, a lecionação da disciplina de EMRC revela-se pertinente porque se empenha na exploração e no desenvolvimento de processos educativos com base nos valores éticos, morais e religiosos, salientando a importância da dignidade humana, da igualdade e do respeito pela diferença, do sentido de solidariedade e da partilha, da responsabilidade e da liberdade. E, deste modo, a abordagem educativa de EMRC, também, está «orientada para a compreensão das realidades e dos valores que suscitam uma tomada de consciência a favor da solidariedade e da paz».⁹⁶

Esta dinâmica de compreender e viver aponta para uma maior facilidade em reconhecer, efetivamente, a realidade, sendo uma forma de educar para a paz, promovendo assim transformações significativas. Só assim haverá um reconhecimento de que a paz é, sem dúvida, um bem valioso e indispensável que deve ser preservado e mantido nas várias circunstâncias. Em suma, é a partir do contributo da educação, e começando pelos nossos alunos, que se torna possível moldar as atitudes e, por conseguinte, a realidade à nossa volta.

Nesta via, apraz apontar que, para a construção da paz, a mesma está intrinsecamente interligada com a consciência de cada pessoa, o conhecimento da própria dignidade, o despertar para a compreensão, respeito e generosidade, apelando ainda para haver coerência neste presente contexto.

De facto, através das aulas de EMRC, é possível apelar à responsabilidade dos nossos atos concretos, no dia a dia, perante os outros, assumir e responsabilizar-se, livremente. No fundo, importa ser verdadeiro e justo, valorizando a dimensão do amor, com destaque para a máxima cristã de fazer aos outros o que gostaríamos que nos fizessem. Este princípio, primeiramente, necessita de estar acima, muitas vezes, das nossas emoções, desilusões e vontade de responder a algo da mesma forma. Nesta perspetiva, defendo que a EMRC assume um papel fundamental e impulsionador para a formação integral dos nossos alunos.

Assim, refere o Programa de EMRC que:

A formação global do aluno, que permite o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.⁹⁷

Sem dúvida que a EMRC é uma área curricular que convida à reflexão e poderá contribuir, significativamente, para um desenvolvimento e fortalecimento das relações entre as pessoas. Posto isto, é uma disciplina que se demonstra relevante e pertinente e, tendo em

⁹⁶ Fernandes, *Conflitos e Paz Mundial – A importância da ONU*, 183-184.

⁹⁷ *Programa de EMRC*, 5.

destaque esta Unidade Letiva 4, do sétimo ano de escolaridade, intitulada *A Paz Universal*, sendo um tema bastante específico e apropriado para todos os tempos e épocas, contribui para esta abertura à relação entre todos, na esperança de motivar e transformar muitos alunos na sua perspetiva relacional, quer pessoal, social e religiosa, bem como a sua visão mundial.

A partir desta transmissão de ensinamentos, é fundamental mostrar que a relação conduz ao amor e, simultaneamente, permite uma interpretação das diferentes perspetivas que somos diariamente confrontados, possibilitando, pelo menos, alguma compreensão dos acontecimentos que nos envolvem.

Seguindo esta perspetiva, prende-se a necessidade de promover e concretizar atividades no contexto escolar para fazer chegar a todos uma mensagem concreta a favor da paz. Primeiramente, que seja através dos alunos que estes valores de convivência, de harmonia, de amizade, de empatia, sejam transmitidos aos outros e que, de facto, sejam colocados em prática.

Paralelamente à precisão das palavras a favor da paz, é urgente “provocar” os alunos e fazê-los ir ao encontro dos outros e serem eles próprios os protagonistas das iniciativas. No fundo, é indispensável que os alunos valorizem e experimentem o que é dar algo de si ao outro e viver com e para os outros. Portanto, por mais simples que possam ser as variadas maneiras de concretizar, é fundamental atribuir importância à ação dos alunos e que sejam eles próprios os portadores da mensagem basilar cristã através da ação e dos exemplos concretos que tornam possível fazer a paz, através do diálogo fundado no amor que Deus tem por nós e que se reflete de nós para os Outros.

A fé, enquanto resposta pessoal, implica responsabilidade livre e consciência pessoal, sendo o crente interpelado pelo dom de Deus, envolvendo a capacidade da palavra e da escuta atenta, o que significa a entrega a Deus e, conseqüentemente, ao outro, dedicando tempo e capacidade de compreensão. Tal conexão, traduz-se, assim, numa relação de comunhão. Logo, a experiência da fé cristã é constituída pela vivência consciente da relação estabelecida com Deus, seguindo o exemplo de Jesus Cristo, como fundamento e modelo da humanidade e, desta forma, aprofundar e exprimir a mensagem de Jesus nas próprias vidas. Assim, a EMRC surge como um meio para trabalhar a dimensão religiosa dos alunos.

CAPÍTULO 3 – PROPOSTA DE ITINERÁRIO PEDAGÓGICO

«O amor é a responsabilidade de um *Eu* por um *Tu*.»⁹⁸

1. Enquadramento da proposta de atividade pedagógica

A apresentação de uma proposta de atividade para complementar a abordagem e a exploração da UL4 — *A Paz Universal* — no contexto dos itinerários formativos de EMRC, surge no sentido de que o próprio tema e o cariz da disciplina proporcionam um apelo à verdadeira relação, ao conhecimento e compreensão da própria realidade e dá a conhecer uma mensagem cristã com a identificação de valores evangélicos que se enquadram no diálogo interpessoal, bem como entre a fé e a cultura.

Neste sentido, a proposta de atividade que será apresentada consiste em abranger toda a comunidade escolar, incluindo os pais e encarregados de educação. Para tal, a presente proposta, em primeiro lugar, apresenta duas planificações de aulas que se possam complementar, cuja dinâmica é direcionada, exclusivamente, ao Dia Escolar da Não Violência e da Paz, data celebrada no dia 30 de janeiro. É um tema e uma data que podem parecer gastos, mas são sempre muito atuais, dado que nas nossas Escolas surgem todos os anos várias ocorrências de *bullying*. Em qualquer contexto é extremamente importante alertar e atuar perante os casos de abuso e de violência e no meio escolar, infelizmente, não é exceção, embora possamos querer defender que a Escola é ou deveria ser um lugar de segurança e bem-estar para todos os alunos. Por este motivo, há esta necessidade constante de promover atividades que relembrem e exijam dos alunos uma reflexão e uma ação coerente no sentido da construção da paz, fomentando os valores essenciais para uma comunicação e convivência saudáveis, conciliando, também, com os direitos das crianças, por exemplo.

Nestes contextos, sem dúvida, que «o sentido de pertença é um fator significativo na formação da própria identidade.»⁹⁹ Segundo Abrantes, «as identidades são produzidas pelas e para as interações»,¹⁰⁰ assim, pode-se dizer que a juventude resulta da forma como cada um integra as experiências num todo interativo, com base nas múltiplas influências, quer sejam hereditárias, sociais, culturais e/ou religiosas. Dá-se, pois, uma construção constante com expressão em diferentes formas comportamentais, bem como uma estruturação de pensamentos, sentimentos e emoções, determinando as reações tendo em conta as novas

⁹⁸ Buber, *Eu e Tu*, 19.

⁹⁹ *Rumo à JMJ Lisboa 2023: Documentos do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Lisboa: Secretariado-Geral Da Conferência Episcopal Portuguesa, 2020), 67.

¹⁰⁰ Pedro Abrantes, «Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade», acedido a 20 de setembro de 2022, <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/331>: 94.

exigências da vida. Nesta lógica, a construção da identidade comporta algumas qualidades que, na teoria de Erikson, passa por adquirir confiança e autonomia, bem como ter iniciativa e mostrar diligência. Defende, ainda, que a identidade é uma adoção de determinados padrões identitários definidos pelos adultos com que interage, sendo propriamente uma construção pessoal, atravessando a mesma por várias fases no processo de formação da identidade.¹⁰¹

Daí, a proposta de atividade enquadrar-se, naturalmente, na lecionação do programa do sétimo ano de escolaridade, havendo a noção de que os adolescentes apresentam uma maior vulnerabilidade nos contextos sociais e escolares. Entende tratar-se de uma faixa etária que detém características próprias, marcadas pela formação de identidade, a qual irá, também, determinar e autodefinir os seus ideais perante os outros, grupos e situações vivenciadas. Além da adolescência propriamente dita, acrescento que a proposta de atividade poderá ser adaptada a qualquer ano de escolaridade.

2. Descrição e justificação da atividade

A proposta de atividade parece-me interessante e pertinente, partindo do princípio básico de que a Escola representa um espaço de formação, bem como de consciencialização e de responsabilização para a construção coletiva de uma sociedade de paz, sendo esta construção uma responsabilidade de todos. No fundo, somos todos responsáveis por todos. Neste sentido, compreende-se a Escola como um espaço privilegiado para promover a reflexão acerca das questões de violência escolar, envolvendo toda a comunidade educativa, inclusive os pais e encarregados de educação.

A opção de propor duas planificações de aulas deve-se à distribuição letiva da disciplina de EMRC ser lecionada semanalmente, com apenas quarenta e cinco minutos letivos, atendendo que, desta forma, possibilita alargar e reforçar um pouco mais a abordagem realizada em torno deste tema específico, isto é, a promoção da paz. A complementaridade destas duas planificações visa contribuir para a reflexão e para a ação concreta no meio escolar. O objetivo assenta em alertar para a promoção de ações de paz, consciencializando para a construção de um lugar pacífico, mediante o fortalecimento da amizade, o compromisso e o cuidado pelo Outro, promovendo um lugar onde todos permaneçam com tranquilidade, como a Escola.

Deste modo, o apelo e a promoção à proteção e qualidade de vida são primordiais no crescimento e desenvolvimento dos alunos, bem como a intervenção precoce e as estratégias a pôr em prática, como nos casos de *bullying* na Escola, procurando dotar os alunos de

¹⁰¹ Cf. *Curso Geral de Catequistas: Psicologia* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2004), 42-43.

conhecimentos e competências que visam compreender as situações e os problemas adjacentes do dia a dia.

A proposta deste itinerário pedagógico é um alerta dirigido a toda a comunidade escolar, um apelo para uma maior intervenção por parte de todos, de modo que, com um maior rigor, se possam reconhecer os indícios de ameaça e/ou violência entre os alunos. É uma proposta que sugere um caráter de reflexão, formação e troca de experiências significativas. De facto, considero tratar-se de uma temática que contribui, fortemente, para a aprendizagem pessoal e social dos jovens, que favorece o desenvolvimento e a evolução da personalidade, bem como proporciona momentos de compreensão acerca da realidade que os envolve. Portanto, é uma oportunidade para conciliar o conhecimento e a capacidade de aceitar o Outro com as suas necessidade e dificuldades, promovendo o respeito e interajuda.

3. Planificações e interdisciplinaridade

A proposta tem como objetivo promover a colaboração por parte de toda a comunidade escolar e a articulação com outras áreas curriculares e respetivos conteúdos que são, naturalmente, transversais para o ensino-aprendizagem dos alunos. É da responsabilidade de todos estarem abertos ao diálogo e predispostos a atuar para ultrapassar as situações e os problemas que possam surgir.

As seguintes planificações enquadram-se nas seguintes metas, objetivos e conteúdos: a primeira planificação contemplaria a meta N - Promover o bem comum e o cuidado do Outro, com o objetivo de reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa, destacando como conteúdo o diálogo, perdão e reconciliação, bem como ações para a promoção da paz; e a segunda planificação abrangeria a meta D - Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos, tendo por base o objetivo identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano com foco na regra de ouro, transversal aos vários credos: Faz aos outros o que queres que te façam e, ainda, nos contributos dos cidadãos para a construção da paz.¹⁰²

Para tal fim, a primeira planificação de aula estaria orientada para uma palestra organizada e implementada em conjunto com o Conselho Executivo, uma psicóloga da Escola, os professores, várias turmas, os auxiliares e os pais e/ou encarregados de educação. Esta ideia surge pela necessidade de abrir uma partilha/testemunho acerca do assunto da violência que acontece nas escolas, sensibilizando diretamente todos os que compõem o ambiente escolar e

¹⁰² Cf. *Programa de EMRC*, 82-85.

não ficar, unicamente, pelo contexto de sala de aula. Para tal, o objetivo passaria por proporcionar alguns testemunhos/experiências de e para alunos, professores e auxiliares, bem como disponibilizar algumas orientações e, até, algumas indicações de como reconhecer e lidar com comportamentos que indiciam a prática de *bullying* na Escola.

Esta aula tomando uma configuração de palestra procuraria transmitir a urgência de se fazer cumprir os direitos e deveres que as crianças/jovens também têm, promovendo a reflexão acerca das atitudes a tomar perante casos de violência, quer seja emocional, verbal ou física. No final da palestra, a ideia seria solicitar aos alunos que, na aula seguinte, pudessem trazer uma *t-shirt* branca, indiciando um dos símbolos da paz para a realização de dinâmica na aula subsequente, possibilitando ganhar visibilidade na Escola e não se ficar numa pequena conversa entre quatro paredes.

Relativamente à segunda planificação de aula, a proposta consiste em dar continuidade à abordagem da aula/palestra da semana anterior, procurando fomentar a via mais concreta para aplicação de conhecimentos através de uma dinâmica, ou seja, construir a paz na Escola com a prática. Assim, transpondo a teoria para a prática, interessa a presença dos próprios alunos, sob o lema: *Pela Paz, faz aos outros o que queres que te façam! Dá forma às tuas ações!*, e associando às peças de um *puzzle*, expressar que cada uma pessoa é peça fundamental para compor o todo, assim é na Escola, para haver harmonia, todos deveriam caminhar na mesma direção, ou seja, promover a paz através do encontro, do diálogo e, também, do perdão.

A opção pela utilização de uma *t-shirt* branca assume uma forma de mostrar à comunidade educativa que estão todos a defender o mesmo, ou seja, almejar pela paz e dizer não à violência, neste contexto específico, na Escola. Assim, a ideia seria desenhar nas *t-shirts* o formato de uma peça de *puzzle* na parte detrás para que, ao longo do dia, cada aluno possa permitir que outros, de preferência de outras turmas, escrevam palavras positivas e motivadoras. Complementarmente, a elaboração e a distribuição de placas com mensagens, palavras, tarefas e/ou ações alusivas ao tema, quer no interior ou no exterior, ganhará a visibilidade que se pretende em todos os acessos possíveis. Projetando, assim, uma forma de desafiar os alunos à concretização de determinados comportamentos e atitudes perante os demais ao longo da semana.

Após esta semana, os alunos seriam convidados a expor as suas *t-shirts*, devidamente identificadas, num mural previamente preparado para o efeito, cuja exposição manteria o título: *Pela Paz, faz aos outros o que queres que te façam! Dá cor às tuas ações!*, possibilitando a visibilidade de ações concretas, propostas. Portanto, por pequenos gestos e mensagens, esta poderá ser uma forma dinâmica de conduzir os alunos a se centrarem, também, nos outros, de

forma justa e empática, demonstrando a capacidade de respeitar os pares, apesar das diferenças que possam existir, promovendo um ambiente escolar tranquilo e positivo.

Considero pertinente sublinhar que, embora esta proposta esteja pensada para ser lecionada no âmbito da referida UL 4, *A Paz Universal*, a mesma enquadrar-se-á noutras temáticas, bem como em outros anos de escolaridade, pelo seu carácter essencial que conduz a um despertar para a emergência de boas ações, da aceitação e respeito pelo Outro, sendo estes princípios permanentes e transversais em todos os domínios da vida de cada pessoa. Este tipo de atividade aspira fomentar a reflexão e a adequação de comportamentos perante os Outros e, assim, tornar o meio escolar num ambiente mais harmonioso e mais pacífico.

Simplesmente, são propostas que conduzem a uma experiência individual e coletiva, ambicionando que se faça a diferença num contexto específico, podendo expandir-se para outros meios envolventes, possibilitando a expressão de uma fé e experiência verdadeiras e com sentido para a vida.


3.1. Proposta de Planificação de Aula (1)

EMRC - Unidade Letiva 4: A Paz Universal

Duração da aula - 45 minutos

Local: Biblioteca ou auditório

Aprendizagens essenciais: Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	 45 min.	Avaliação Formativa
N. Promover o bem como o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade humana.	Diálogo, perdão e reconciliação. Ações para a promoção da paz.	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento dos convidados e alunos • Sumário*: Somos todos responsáveis por uma convivência saudável na Escola. 	PPT, Computador, Projetor**	5 min.	Assiduidade Pontualidade
			<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo e uma breve partilha acerca da necessidade de se estabelecer uma convivência harmoniosa e pacífica na Escola com destaque especial para a comemoração do Dia Escolar da Não Violência e da Paz (30 janeiro): <p>Questões orientadoras sob o lema: <i>Pela Paz, faz aos outros o que queres que te façam! Dá cor às tuas ações!</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Que Escola e que mundo pretendemos? - Que ações são necessárias para haver respeito, aceitar os Outros e promover um clima de paz na Escola? 	<ul style="list-style-type: none"> • Convidados¹⁰³: <ul style="list-style-type: none"> - Um elemento do Conselho Executivo - Um (a) professor/a - Um (a) psicólogo/a - Um (a) auxiliar - Um (a) encarregado/a de educação - Dois alunos 	35 min.	Atenção Interesse Comportamento Respeito pelas opiniões
			<ul style="list-style-type: none"> • Atividade dos Artistas da Paz <p>- Solicitar aos alunos que, na próxima aula, tragam uma <i>t-shirt</i> branca para a realização de uma atividade complementar à temática.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Uma <i>t-shirt</i> branca 	5 min.	Atenção

* O sumário será registado no caderno na aula subsequente.

** Providenciar os respetivos materiais se os convidados necessitarem.


¹⁰³ Na possibilidade de garantir a presença de todos os possíveis convidados, estipular, em média, cinco minutos para cada partilha, tendo em consideração as questões orientadoras.

3.2. Proposta de Planificação de Aula (2)

EMRC - Unidade Letiva 4: A Paz Universal

Duração da aula - 45 minutos

Aprendizagens essenciais: Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.	6. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano.	<p>Regra de ouro, transversal aos vários credos:</p> <p>- Faz aos outros o que queres que te façam.</p> <p>Contributos dos cidadãos para a construção da paz.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento dos alunos • Sumário*: Faz aos outros o que queres que te façam – Dia Escolar da Não Violência e da Paz. • Breve recapitulação das ideias essenciais da palestra da semana anterior. 	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno do aluno • Material de escrita 	10 min.	Assiduidade Pontualidade
			<ul style="list-style-type: none"> • Atividade dos Artistas da Paz - <u>Formar a turma em dois grupos</u>: G1 – Concentrar as <i>t-shirts</i> de todos os alunos e desenhar o formato de puzzle na parte de trás. G2 – Elaborar frases, palavras, tarefas/ações positivas e alusivas ao Dia Escolar da Não Violência e da Paz e escrever nas várias placas de ardósia. - À medida que as placas e as <i>t-shirts</i>** vão sendo concluídas, poderão vestir as <i>t-shirts</i>, sair da sala, ordenadamente, e colocar as placas em pontos estratégicos na Escola, para que as mensagens possam ser visíveis a toda a comunidade escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>T-shirts</i> brancas • Molde de <i>puzzle</i> • Marcadores de cores • Placas de ardósia¹⁰⁵ (em número generoso) • Giz de cores variadas • Fio barbante (se necessário for para pendurar as placas) 	30 min.	Atenção, Empenho Interesse Participação Pertinência Respeito pelas opiniões Respeito pelas orientações da professora
			<p>Síntese de aula (frase alusiva elaborada pelos alunos).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Caderno do aluno • Material de escrita 	5 min.	Atenção Empenho

Observações:

*Registo do sumário da aula anterior (Somos todos responsáveis por uma convivência saudável na Escola.) e da presente aula.

** Durante o dia, deverão escrever mensagens nas *t-shirts* uns dos outros com palavras positivas.¹⁰⁶

¹⁰⁵ Adquirir as placas com antecedência.

¹⁰⁶ Na aula seguinte (semana), os alunos deverão trazer as suas *t-shirts* para se elaborar um mural e, em peças de *puzzle*, previamente preparadas, escrever as boas ações que fizeram ou viram fazer durante a realização de toda a atividade e afixar no mural, com o intuito de expor o resultado da dinâmica na Escola.

3.3. Sugestão de recursos didáticos

No âmbito das propostas de planificações de aulas apresentadas anteriormente, em torno do Dia Escolar da Não Violência e da Paz, apresento algumas sugestões de recursos didáticos que poderão ser aplicadas para a concretização das dinâmicas propostas.

Estas sugestões surgem no seguimento de que pensar na juventude conduz-nos para as contínuas e intensas transformações, para a incessante busca de respostas a diversas interrogações/inquietações, para a necessidade de tomar decisões, em que muitas delas são apoiadas pela família, pelos amigos, pela comunidade escolar, pelos diversos grupos religiosos e/ou sociais e, também, para o próprio impacto da cultura de cada comunidade/sociedade. Os jovens encontram-se diretamente expostos a todo um processo de socialização e de forma bastante significativa, pelo que se torna indispensável apelar à consciência, à empatia, à aceitação e à ação.

Dá o destaque necessário considerando a exposição e a influência exercido na vivência escolar em que os alunos são alvo de várias e diferentes abordagens e, por esse motivo, haja a necessidade de alertar para o impacto das palavras e ações quer que brotam no seio das relações, as quais poderão ser positivas ou negativas marcando significativamente a sensibilidade de determinados alunos.

Partindo deste ponto de vista, surge a ideia da *t-shirt* branca, primeiro, o branco por ser uma representação da paz, e o molde de peça de *puzzle*, significando o facto de que todos são peças necessárias para formar o todo da Escola, onde há espaço para todos independentemente das diferenças. Relativamente à sugestão das placas espalhadas pelas Escola, contendo palavras ou frase, surge com o princípio de fazer chegar a todos mensagens que promovam a reflexão e façam lembrar de certa forma constante que todos têm os mesmos direitos e deveres e que o dom da vida é para ser valorizado.



Imagem 1 - T-shirt com peça de *puzzle* desenhada e com mensagens



Imagem 2 - Placas de ardósia com mensagens alivas ao tema.

CONCLUSÃO

O itinerário percorrido no âmbito do presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada transmitiu confiança, mas ao mesmo tempo, algumas incertezas, pois, inicialmente, pretendia destacar que a vida e convivência de uns com outros só nos realiza a partir do momento em que saibamos estabelecer um diálogo saudável e uma escuta atenta, de forma a promover relações estáveis em qualquer âmbito da nossa vida, mas é mais do que isto. É preciso agir, ser o primeiro e ter esta vontade de fazer diferente. Para tal, a educação é, efetivamente, o ponto fulcral desta caminhada na construção e no desenvolvimento integral dos alunos, na qual a disciplina de EMRC contribui, positivamente, através das suas propostas e experiências, induzindo para uma participação mais ativa como agentes construtores de paz.

Debati-me com a importância que o diálogo assume no ato do encontro como caminho que procura promover a paz, pois, em todos os tempos e lugares, o anseio por viver e sentir paz permanece. Decerto, é possível atingi-lo em pequena ou grande escala e muitas são as perspectivas que abonam a seu favor. No entanto, perante a atualidade, manter a paz parece cada vez mais difícil de concretizar. Interrogo: O que está a falhar? Entre reflexões, estudos e contributos de pessoas e instituições, parece que nada é solução no meio de tantas questões, anulando as expectativas construídas.

Constata-se, então, que esta tensão entre paz e violência exige ação, cujo desafio só pode ser superado pelo conhecimento, compreensão e, sem dúvida, pela valorização dos valores essenciais que sustentam as relações entre as pessoas. Note-se que, além da premente necessidade de resolver os problemas existentes, é imperioso que a abordagem a tais questões e soluções se fundamente na formação e na promoção de soluções pacíficas. Por isso, parte-se do princípio que será crucial transformar a realidade mediante abordagens unificadas e meios pacíficos, cujos recursos deverão ser repensados quanto à sua eficácia de atuação perante as situações de violência. O sentido de missão, de serviço ao outro, de compromisso e de coerência são desafios que convocam todos à construção de um mundo mais fraterno, honesto, generoso e humilde, de modo a contrariar as divergências sem perder a esperança de uma transformação significativa da humanidade. É fundamental que haja uma participação direta, mas com respeito e responsabilidade, pois o bom relacionamento depende de todos.

Tendo em conta a perspectiva antropológica, o ser humano é um ser que se encontra em contínuo processo de crescimento, mediante a reflexão, a superação de si mesmo e o estar desperto para a relação com a transcendência, permeando o amor. Neste sentido, a religiosidade pode contribuir para um crescimento interior, uma transformação e, conseqüentemente, uma realização pessoal e integral. Daí a importância de o jovem ser uma presença real e capaz de

passar o testemunho ao outro, ativa e positivamente, pois a religião proporciona a comunhão e a comunicação entre as pessoas nos diversos contextos.

Neste sentido, friso a relevância da disciplina de EMRC no meio escolar pelo papel e compromisso que assume na formação dos alunos a partir de uma proposta rica em valores éticos e religiosos, pois a referência à pessoa de Jesus Cristo é sublinhada pelo seu exemplo, como Aquele que vai ao encontro do outro e estabelece uma relação de forma a elevar a dimensão prática da vivência do amor e da paz entre todos.

O percurso trilhado ao longo da PES ofereceu uma reflexão sobre as relações e opções tomadas pelas pessoas no dia a dia e o sentido que é atribuído à existência humana e suas experiências significativas e, ainda, proporcionou sensibilizar os jovens para os valores que norteiam a vida do ser humano. Tudo isto aponta para a valorização do diálogo, da tolerância, da responsabilidade, da cooperação e do respeito mútuo entre outros, criando oportunidades para uma (re)construção da paz, perante uma sociedade cada vez mais fraterna, compreensiva e consciente dos seus problemas concretos.

Em suma, partindo de toda a experiência vivida, um dos grandes desafios da prática letiva é fazer com que os alunos possam aprender a olhar para eles próprios e observar a sua realidade, tendo em conta todos os seus contextos específicos, bem como cativar e motivar cada um deles, de modo a possibilitar uma transformação, englobando as várias dimensões da vida e que, efetivamente, seja conferido o verdadeiro sentido ao dom da vida.

Que a construção da paz seja possível mediante testemunhos autênticos, pois não basta criticar e/ou mandar fazer, é fundamental ser exemplo de paz com amor, humildade, coerência, esperança e alegria.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada. 5.^a edição. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2009.

1. Fontes e Documentos

Conferência Episcopal Portuguesa. «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade». Acedido a 29 de julho de 2022. <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

Conferência Geral da UNESCO. «Declaração de Princípios sobre a Tolerância». Acedido a 7 de setembro de 2022. <https://www.oas.org/dil/port/1995%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20de%20Princ%C3%ADpios%20sobre%20a%20Toler%C3%A2ncia%20da%20UNESCO.pdf>.

Curso Geral de Catequistas: Psicologia. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2004.

Escola Secundária Antero de Quental. «Características». Acedido a 6 de julho de 2022. <http://www.esaq.pt/blog/2014/01/25/caracteristicas-2/>.

_____ «Oferta formativa». Acedido a 6 de julho de 2022. <http://www.esaq.pt/blog/2018/07/02/oferta-formativa-2021-2022/>.

_____ «Projeto Educativo de Escola». Acedido a 6 de junho de 2022. http://www.esaq.pt/doc/PEE%202015_2018%20aprovado%20em%20Assembleia%20a%2012%20joho.pdf.

_____ «Um pouco da história». Acedido a 6 de julho de 2022. <http://www.esaq.pt/blog/2013/11/19/teste4/>.

Organização das Nações Unidas. «Iémen: a maior crise humanitária do mundo». Acedido a 7 de setembro de 2022. <https://unric.org/pt/iemen-a-maior-crise-humanitaria-do-mundo/>.

_____ «Brasil abre debate da Assembleia Geral da ONU sobre soluções e desafios.». Acedido a 20 de setembro de 2022. <https://news.un.org/pt/story/2022/09/1801541>.

Rumo à JMJ Lisboa 2023: Documentos do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Lisboa: Secretariado-Geral Da Conferência Episcopal Portuguesa, 2020.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2014.

_____ *Queremos Saber! Manual do Aluno EMRC - 7.º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2021.

2. Estudos e Ensaios

Abrantes, Pedro. «Identities juvenis e dinâmicas de escolaridade». Acedido a 20 setembro de 2022. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/331>.

Ambrosio, Juan. «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares». *Revista de Catequese e Educação*, n.º 31-32 (janeiro-agosto 2015): 63-81.

Arends, Richard. *Aprender a ensinar*, 7.ª edição. Madrid: McGraw Hill, 2008.

Bastianel, Sergio. *Moralidade pessoal na história: temas de ética social*. Lisboa: Cáritas Portuguesa, 2013.

Buber, Martin. *Eu-Tu*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.

Coreth, Emerich. *O que é o Homem? Elementos para uma antropologia filosófica*. Lisboa: Editorial Verbo, 1988.

Dimas, Samuel. «A correlação entre filosofia e teologia, razão e fé, na Metafísica da Manifestação de Joaquim Cerqueira Gonçalves». *Ephata*, 3, n.º 1 (2021): 137-173. Acedido a 5 de setembro de 2022. <https://doi.org/10.34632/ephata.2021.9053>.

Fernandes, António José. *Conflitos e Paz Mundial – A importância da ONU*. Lisboa: Quid Huris Sociedade Editora, 2011.

Moita, Fernando. «A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual». *Revista de Catequese e Educação*, n.º 26 (maio-agosto 2013): 53-74.

Ganho, Maria de Lourdes Sirgado. «A Filosofia Concreta de Gabriel Marcel». *Didaskalia*, 13. n.º 1-2, (1983): 369-386. Acedido a 23 de setembro de 2022. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.1983.839>

Ganho, Maria de Lourdes Sirgado. «Existência e transcendência em Gabriel Marcel». Braga: *Revista Itinerarium*, 1994.

Gonçalves, Joaquim Cerqueira. «Filosofia e Relação. Interpretação cristã da categoria filosófica grega». In *Itinerâncias de Escrita*, Volume II - Hermenêutica/Filosofia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013: 271-282.

Housset, Emanuel. «La persona como creatura». Acedido a 15 de setembro de 2022. <https://repositorio.uc.cl/handle/11534/5873>.

Mondin, Battista. *Quem é Deus – Elementos de teologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 2005.
Papa Francisco. *Proteger a Criação – Reflexões sobre o Estado do Mundo*. Amadora: Nascente, 2016.

Rodrigues, Luís Miguel. «Desenvolvimento sociomoral e religioso na infância». *Revista de Catequese e Educação*, n.º 44 (maio-agosto 2019): 63-73.

Vaz, Armindo dos Santos. *Antigo Testamento I*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2017.